Rebs 999

ESTA HORA EXPLOSIVA

ORLANDO G. DE PINHO

Primeira Edição
Trinta Milheiros

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Santo André — São Paulo

Reservam-se Todos os Direitos
de Propriedade

IMPRESSO NO BRASIL
Printed in Brazil

Índice

1. Alvorecer, ou Crepúsculo? 7
2. Nosso Futuro à Luz dos Satélites. 13
3. Razões Científicas ou Ambição de Domínio Universal? 20
4. Invasão dos Marcianos. 31
5. Frio ou Quente? 39
6. Viagem Interplanetária 47
7. Os Tripulantes dos "Discos" e Sua Missão. 59
8. A Era dos Satélites Forçará a Paz ou Precipitará a Guerra? 67
9. Ineficácia Política e Insuficiência Religiosa 77
10. Causa, Efeito, Solução 82
11. Luz Que Não se Apaga. 87

Prefácio

O fenômeno "disco voador", que podíamos denominar a incógnita dos séculos; os satélites, que fazem jus à alcunha de vedetas do espaço; e os astronautas, êsses destemerosos voluntários de façanhas nunca dantes vividas — constituem-se nos três grandes e extraordinários temas do mundo atual e reúnem condições que nos permitem destacá-los como os aspectos mais marcantes e que bem caracterizam esta hora explosiva.

Êles não só estão polarizando as atenções gerais do mundo por serem sensacionais, mas representam elementos novos de inquietude, perplexidades e surprêsas com respeito ao futuro.

O que se vai ler é uma contribuição despretensiosa, cujo objetivo é fornecer pensamentos que visam eliminar preocupações e elucidar. Com êste trabalho oferecemos uma facêta diferente para estudo e meditação dêsses múltiplos aspectos que inquietam o mundo, mormente aquêles que se apresentam ameaçadores e tendentes a afetar o curso normal da vida e que, por isso mesmo, são fixados como sintomáticos e prenunciadores de eventos jamais vividos pelo homem.

Ângulos em geral relegados entram na apreciação dos fatos, dando um sabor diferente aos temas que abordamos.

O Autor

Alvorecer, ou Crepúsculo?

O SARGENTO Pierre acordara mal-humorado certa manhã, pouco antes do armistício de 1918. Fôra dos primeiros a alistar-se em 1914, nos trepidantes dias que sucederam a invasão da Bélgica. Sua atuação em muitos combates lhe valeu sucessivas citações de louvor e promoções. Centenas de seus mais achegados amigos tombaram na luta, mas Pierre continuava firme, combatendo sempre, ostentando apenas pequenas cicatrizes de ferimentos leves. Era homem bravo e ousado, sempre pronto a enfrentar as situações como se apresentassem, portando-se à altura e com espírito resignado e compreensivo. Era o quarto ano de guerra e o regimento de Pierre se encontrava mais à retaguarda, em descanso. Talvez êste pequeno repouso tenha proporcionado ao sargento alguns momentos de reflexão e tenha influído no seu espírito combativo. Com efeito, naquela manhã êle acordou diferente e não tardou que logo corresse entre os do seu pelotão a notícia de que o "sargento hoje está enjoado". E estava mesmo, e com razão; e procurou logo o seu capitão para desabafar as mágoas.

— Parece que quanto mais morte e destruição causa esta guerra mais dispostas estão as nações para continuar. Até quando durará isto? E continuou: Mas estou cansado, capitão, enfadado mesmo e quase sem fôrças para continuar . . .

Poucos meses depois cessava a guerra. O armistício fôra assinado e as nações aliadas se preparavam para

colhêr as lições que o conflito proporcionara; enquanto nos laboratórios da diplomacia era composto o bálsamo para as feridas e o antídoto preventivo contra futuras rusgas.

Gastaram-se anos no processo da pacificação dos espíritos e no delineamento dos planos futuros, capazes de garantir a paz e a concórdia na família humana. A boa vontade das nações vencedoras e o doloroso impacto que os quatro anos de luta produziram, propiciaram a concretização de acalentados sonhos, fazendo surgir um organismo internacional: a famosa Liga das Nações, com sede em Genebra. Isto, e tratados outros que se assinaram, inclusive o extraordinário "Pacto de Paris" (também conhecido por Pacto Kellog), criou um ambiente de extraordinário euforismo e suscitou externações de exuberante entusiasmo. Entre estas, fizeram época as seguintes:

"Hoje foi a guerra internacional banida da civilização".

"Pela primeira vez na história do mundo, vai-se ter paz eterna e mundial".

Entre as figuras preeminentes da época, que se contagiaram pelo delírio sonhador da paz eterna, encontrava-se o então presidente dos Estados Unidos, Herbert Hoover, que exclamou com entusiasmado otimismo: "Estamos no início de uma idade áurea!"

Sessenta e duas nações assinaram o "Pacto de Paris". Era o mais original e compacto conjunto de vozes, um côro diferente daquele que apareceu aos pastôres nas campinas da Judéia por ocasião do nascimento de Jesus, mas que entoava um cântico idêntico de paz e boa vontade entre os homens. Era o ensarilhar definitivo das armas e a fusão das bandeiras multicolores, em nova versão do arco-íris, preconizando venturosos dias e acalentadoras esperanças. Era o raiar de nova e abençoada fase nas relações humanas.

Hoje sabemos que tudo aquilo se desfez como a névoa. O amargor da desilusão suplantou as esperanças. Os milhões de sêres humanos que depois disto pereceram na mais cruel das guerras, selaram com seu sangue o atestado comprobatório do quanto valem as promessas humanas!

E o tempo preencheu mais algumas páginas no diário da existência; e eis-nos no momento como espectadores da mais paradoxal das épocas.

Os extraordinários avanços da ciência e sua investida rumo ao espaço exterior está despertando no homem moderno um nôvo sentido de poder e uma diferente modalidade de conquistas. O território do vizinho está perdendo valor em face do incomensurável, que está além do céu azul e aguça o interêsse das mais poderosas nações. Rápidas e ascendentes foram as conquistas alcançadas até aqui e, na base disto, vislumbra-se o surgimento de nova era, fantástica e revolucionária. Crêem muitos que estamos entrando em mais um ciclo evolutivo, "no alvorecer de uma nova etapa da vida, na clarinada de uma pujante civilização"; crêem que os dias vindouros serão caracterizados por mais perfeita compreensão entre as raças humanas, resultando uma civilização superior à atual em todos os aspectos.

É a história que se repete. São prenúncios que voltam com roupagem diferente. Os estadistas de 1918 iludiram-se com a letra morta dos tratados que firmaram e contagiaram o mundo com fagueiras esperanças. Hoje não é diferente; apenas as vozes de esperança partem dos grandes da ciência, que proclamam estar reservada a esta Terra um lugar diferente no comando do espaço sideral.

Alcançará a ciência moderna o que aspira com suas ultra-sensacionais conquistas? Que nos trará o futuro nesta linha das ousadas conquistas dos satélites? O fato

de ter o homem circunavegado o globo terrestre, em órbita, e retornado incólume, é o comêço ou o fim de um sonho? Chegará êle à Lua, aos planêtas, ao Paraíso de Deus?

Nos capítulos que se seguem abordaremos temas que, estamos certos, possibilitarão ao leitor reunir elementos que darão resposta a estas interrogações e a muitas outras correlatas.

Técnica e materialmente falando o mundo atual tem razões para sentir-se como no alvorecer de grandioso futuro, pois vive embalado e seduzido por sensacionais grandezas. Vive-se em atmosfera de faustosas realizações e ao nosso espírito se vão amalgamando partículas de ostensivo orgulho e soberba, parecendo-nos que se há chegado à suprema excelência do conhecimento e que nada nos impedirá de prosseguir de vitória em vitória. Há trinta anos um homem que possuísse um milhão de cruzeiros era um indivíduo realizado e sem preocupações quanto ao futuro. Era milionário. Rico e poderoso. Hoje tal quantia pouco representa e tal homem teria que trabalhar para viver, pois seu dinheiro perdera fôrça em face a uma época diferente.

Esta parece ser a posição hoje do homem de ciência, pois tendo descoberto fórmulas e idealizado complicados mecanismos, sentiu-se empolgado com as perspectivas que se lhe deparam. Vive a fase do homem milionário de "ontem". Parece-lhe ter o Futuro nas mãos. Ao seu espírito inventivo, agora revigorado por novos conhecimentos e estimulado pela liberdade de ação em seus planos e pela pródiga provisão de recursos financeiros, acorreram idéias que não podiam aplicar-se à Terra, de tão grandiosas que são. O mundo tornara-se pequeno para possibilidades tão estupendas; não há espaço aqui para planos de tamanho vulto. Assim, as atenções voltaram-se para cima, para o azul infinito; e lá viu-se a Lua, viram-se os planêtas. Sempre se viram,

pois nunca estiveram encobertos, mas o interêsse do homem nêles era apenas contemplativo, com fins culturais, ou, como os astrólogos, para relacioná-los com a vida humana, atribuindo-se-lhes predestinadoras influências diretivas. Agora, no entanto, estão sendo olhados como antigamente o eram alguns continentes. Vêmo-los com anseios de conquista porque se nos afiguram possíveis e inesgotáveis fontes de minérios, além de outras finalidades não reveladas.

Na base do que o mundo apresenta no momento, o pensamento dominante é que seu futuro está nas mãos da ciência. E esta tem fome de materiais raros para seus projetos. Haja vista o caso da bomba atômica, que não seria uma realidade não fôsse a descoberta de determinados elementos. E as pesquisas continuam e logo se pretende estendê-las "ali" para a Lua. De onde provém esta sêde de materiais raros? Fará isto o homem mais feliz? Contribuirá para o bem da humanidade? Se quisermos (talvez com pessimismo) estabelecer um paralelo entre as conquistas de continentes, operadas por denodados navegadores de séculos passados, e o que se pretende hoje para com a Lua, chegaremos a conclusões que sugerem reflexões negativas.

Nada se pode antepor à fôrça do poder em sua fase operacional. Assemelha-se à corrente de águas que rompeu o açude e se projeta, impetuosa e potente, levando tudo de roldão; até que se exaure, na planície, convertendo-se em pacato lago: são "águas passadas". O conhecimento humano atravessa esta fase de pujança e avança, todo-poderoso, rompendo barreiras, quebrando tabus e transpondo os mais sérios obstáculos. Pela primeira vez na História o conhecimento humano não dá atenção à palavra *impossível*. Von Braun, um dos grandes homens dos planos balísticos, asseverou que aquêle que disser que tal coisa é impossível arrisca-se a ficar do lado dos que vão perder.

Continuará o homem de ciência nesta linha de expansões, sempre com fôrça total, ou sofrerá algum impacto em suas aventurosas tentativas? Esta é a hora da ciência, inegàvelmente. Por séculos, mesmo milênios, ela estêve adormecida, em continuada fase de infância, mas há despertado, cresceu, chegou à maioridade. Terá ela a sua decrepitude?

As famosas bombas voadoras alemãs, empregadas na última grande guerra e lançadas com sucesso sôbre a Inglaterra, foram o comêço da História. E dêste pequeno início chegou-se aos gigantescos foguetes modernos e, especialmente, a constantes aperfeiçoamentos quanto ao combustível propulsor. Não é segrêdo que todo êste progresso tem sido possível em decorrência de planos militares, visando o fortalecimento de esquemas táticos e em defesa dos delineamentos fronteiriços. Os estudos que motivaram a criação das bombas voadoras foram iniciados e concretizados em plena guerra mundial; os da bomba atômica igualmente, na segunda luta, pelo menos a fase mais positiva e sua concretização. O que constava apenas de vagas fórmulas, tornou-se exeqüível, aliás, com grande e desastroso sucesso. Infelizmente, o espírito da guerra é que tem compelido o homem a tais iniciativas. Será que é só nessas ocasiões que se revelam gênios, ou a verificação é resultante de mais abundância de ouro que corre para tais fins?

Em que posição nos encontramos em face do futuro? Que nos trarão os dias vindouros? Estamos no alvorecer de nova civilização ou estamos confundindo as côres do horizonte e é o crepúsculo que presenciamos e logo chegará a noite, o fim de tudo, o silêncio eterno?

Nosso Futuro à Luz dos Satélites

UMA das primeiras providências que os pais tomam quando nasce uma criança é dar-lhe um nome. Êsse nome é registado em cartório e será mencionado em documentos e citado em todos os fatos em que estiver envolvido seu possuidor. Êle fará parte integrante da pessoa.

A escolha de um nome é facílima tarefa e pode ser decidida em poucos minutos, não exigindo preparo intelectual algum, ou conhecimento de qualquer espécie. Pois não são muitos nomes escolhidos até por pessoas inteiramente analfabetas?

Escolhem-se nomes também para pequenos clubes e suntuosas sociedades recreativas; para um modesto botequim e para grandes estabelecimentos industriais. Não há problema algum nisso e tudo gira em tôrno de gôsto ou de simpatia por êste ou aquêle nome.

Os historiadores talvez sejam as pessoas que tenham mais problemas a enfrentar neste particular de escolher nomes, pois muitas vêzes lhes cabe dar nomes que devem relembrar grandiosos eventos históricos ou a fixação, por meio dêles, de uma época ou de um govêrno. Há pouco mais de dez anos que se vem cogitando da escolha de um nome para a época atual, isto é, para êste particularíssimo período histórico em que vivemos desde o término da Segunda Grande Guerra Mundial.

Como é sabido, êsse conflito mundial teve um desfecho rápido e impressionante, forçado pela detonação de apenas duas pequenas bombas atômicas sôbre as

cidades japonêsas de Nagasaki e Hiroshima. Na oportunidade o mundo estremeceu ao tomar conhecimento das proporções dos efeitos dessas explosões. Era algo fantástico, dantesco, horripilante! Não se estava preparado para receber um impacto de tamanhas proporções e as fotos que se tiraram naquelas cidades, durante e após as detonações atômicas, compungiram milhares de corações piedosos e deixaram clara a evidência de que se iniciava uma nova era para o mundo. Era talvez promissora, talvez tétrica; benfazeja ou inquietante, dependendo naturalmente das lições que se viessem tirar daquele mal, então julgado necessário pelas fôrças em guerra.

Por isso mesmo é que logo surgiu a idéia de que êste período histórico tão impressionante deveria chamar-se "era atômica". Mas acontece que o homem ficou empolgado com o potencial descoberto e não se acomodou, mas prosseguiu em suas investigações pelos meandros dos prótons, elétrons, etc., e logo surgiu a bomba de hidrogênio, para cuja explosão a atômica fêz o papel de fósforo. E agora, qual devia ser o nome para esta hora explosiva?

Ellen G. White, em um dos seus livros em que aborda a derrocada final da história da humanidade, diz que "os últimos acontecimentos serão rápidos". E é curioso notar que tem havido de fato uma sucessão muito rápida de acontecimentos os mais grandiosos, sem similar em qualquer período anterior da vida dos povos. Compare-se o surgimento das primeiras locomotivas a vapor ou dos automóveis e o seu lento desenvolvimento, arrastando-se por anos e anos (com vistas ao velho Ford chamado de "bigode", que ainda anda por aí), com as sucessivas descobertas científicas e os constantes aperfeiçoamentos que lhes são imprimidos! Há, inegàvelmente, uma sucessão tão rápida de acontecimentos que nem a todos é dado acompanhar e estar em dia com o que se passa no mundo, a despeito dos estupendos meios de divulgação de que se dispõe.

A revista *Science*, em editorial recente, caracterizou nossa época como sendo a época da revolução científica. De fato, a ciência conquistou, no campo tecnológico, um lugar de destaque no mundo e, agora com o lançamento dos satélites, monopolizou as atenções gerais e continua ocupando as primeiras páginas dos grandes jornais e revistas, fornecendo pensamentos, sugestões e suposições as mais variadas. É o prato bem gostoso do dia.

De modo que esta maratona científica tem descontrolado aquêles que se têm fixado em um evento para dêle extrair o nome que defina e caracterize esta presente e exuberante época. Por certo que "era atômica" já não se justifica mais, ou melhor, foi suplantada. Em vez de *era* passou a ser apenas um *período*.

Surgiram de fato outros feitos mais surpreendentes, como por exemplo os foguetes teleguiados. Verificou-se depois que êstes eram apenas o preâmbulo do capítulo que se seguiria e que logo foi preenchido pelo famoso "Sputnik I". Depois surgiu um segundo, mais possante, com uma passageira canina a bordo; um terceiro e um quarto não tardaram também a subir, mais aperfeiçoados e demonstrando melhor rendimento técnico. A esta altura já se disputava a primazia. Oriente e Ocidente redobravam esforços visando melhores resultados. Era a peculiar tendência humana de ser o maior e o primeiro, levada para a pureza do espaço exterior. E os foguetes continuaram a subir, oriundos de ambas as bandas líderes mundiais, e os satélites colocados em órbita de modo aparentemente fácil. Hoje dezenas dêles ainda circundam a Terra.

A lógica seria que devíamos considerar-nos como sob o signo da era dos satélites artificiais. Mas os jornais nos surpreendem com notícias que causam espan-

to e ficamos sabendo que apenas se estão fazendo experiências, pois o objetivo são as viagens espaciais, rumo à Lua e aos planêtas mais próximos de nós. Tudo isto é simplesmente maravilhoso e estupendo e é evidente que embaraça a escolha de um nome para êste resto do século vinte, se se quiser tomar por base a mais recente conquista, pois elas se suplantam ràpidamente. Haja vista o êxito obtido com o lançamento de satélites com tripulante humano a bordo! Agora fala-se na construção de plataformas siderais, armadas em pleno espaço, onde escalarão as futuras naves interplanetárias em suas viagens por aí afora, explorando o imenso azul, arvorando a bandeira de piratas do espaço exterior ou ostentando o escudo de pacíficos e presunçosos navegantes das regiões infinitas.

Torna-se evidente, pois, ser inútil tentar escolher um nome para a era atual, baseados neste ou naquele invento. "Os últimos acontecimentos serão rápidos" e não dão tempo para pensar em pequenos detalhes. Deixemos o lado poético ou histórico da escolha de um nome para esta hora explosiva em que estamos vivendo, e pensemos sèriamente no que nos reserva o futuro em face dos satélites artificiais. As pretensões humanas estão delineadas e são claras. Quer-se ir além do céu azul em tempo de paz, enquanto o lôbo da guerra não vem. Mas quando êle vier — e pode surgir inopinadamente — bem sabemos o que poderá acontecer. Será fácil mudar a inclinação dos foguetes nas tôrres de lançamento e escolher o alvo pela "rosa-dos-ventos".

Se a bomba atômica e de hidrogênio (e outras, secretas) por si constituem um perigo sério nas mãos do homem, imaginemos o que poderá resultar dêsses fenomenais foguetes, dotados de tão extraordinária fôrça propulsiva! Se êles em sentido vertical podem alcançar tamanhas altitudes, é lógico que não há ponto do globo pràticamente fora de sua mira. Com tais enge-

nhos a humanidade poderá ser destruída em poucas horas. Nações iradas e a luta pela sobrevivência em face do mais forte é capaz dos maiores desatinos. Centenas de foguetes teleguiados munidos de bombas atômicas, de hidrogênio ou mesmo microbianas, poderão ser lançados em poucas horas e alcançar vastas regiões, eliminando tudo que é vida. O temor de represálias é capaz de justificar um ataque de surprêsa e de efeito total. Oriente e Ocidente são hoje dois leões que rugem com intenso vigor. Um o faz no desejo talvez de dominar o mundo; o outro, com mêdo que tal coisa aconteça. Parece que os satélites simbolizam os pontos nos "ii", que estavam faltando para que a humanidade pudesse compreender que os decantados dias de paz e concórdia entre as nações ainda estão longe da realidade. Sente-se que a situação político-internacional permanece estagnada, com tendência mais para a insegurança. As conversações visando um ajuste nas relações entre o Oriente e o Ocidente, embora cheias de boas intenções, queremos crer, dão a impressão de que se está procurando ganhar tempo. Com que fim? Não sei.

O fato é que o que se está procurando obter hoje já foi tentado muitas vêzes no passado, mas sem resultado. Presenciamos a repetição histórica de esforços pró-paz, pró-desarmamento, seguindo os mesmos esquemas e pretendendo chegar aos mesmos fins a que se dedicaram grandes estadistas do passado. Diz-se que a esperança é a última que morre. E que virtude há nisso, se morre? E êste parece ser o tipo de esperança que tem acalentado as nações. Quantas vêzes lhe deram vida e quantas vêzes a deixaram morrer!

E enquanto a terceira guerra mundial segue o processo de incubação, a Lua serve de pretexto para a inversão de fabulosas somas em projetos balísticos. É uma modalidade nova de preparo mais eficiente para

a superguerra moderna do futuro. E nesta linha nenhuma nação poderá ser acusada de estar empenhada em corrida armamentista, pois seus poderosos foguetes estão hoje empenhados na execução do projeto Lua, sob legenda científica. De modo que enquanto nos extasiamos com o espetáculo proporcionado pelos satélites e o lançamento de homens ao espaço, postos em órbita, nos bastidores outras cenas se armam para aparecerem no devido tempo, talvez bruscamente, oferecendo quem sabe uma apoteose macabra.

A Lua é benéfica e útil à Terra e à vida humana, mas os "filhotes" criados pelo homem deixam antever um futuro sombrio para a humanidade e, quem sabe, abreviarão os dias de sua história. Deus o sabe.

Muitas asserções bíblicas merecem ser estudadas com mais interêsse e olhadas com mais respeito. Elas impressionam pela exatidão com que se ajustam aos acontecimentos atuais, demonstrando que a Onipotência teve interêsse em focalizar uma época e torná-la como marco indicativo dos tempos, quando promessas divinas se haveriam de cumprir. Não se pode ocultar a existência de um clima de "angústia entre as nações em perplexidade", bem como o fato de estarem os líderes mundiais por assim dizer "desmaiando de terror" em razão da "expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo". E esta incerteza pelo dia de amanhã, êste estado neurótico prenhe de ameaças e crises de tôda a sorte, foi delineado de modo claro e preciso por Jesus Cristo e dado como sintomático de Sua segunda vinda. (Consulte-se o Evangelho de São Lucas, capítulo 21, versos 25 e 26)

Portanto, se por um lado os satélites que o homem tem lançado no espaço sideral podem encobrir propósitos não revelados e pressagiam dias sombrios para a família humana; por outro, denotam, consoante inúmeras profecias bíblicas, que está prestes a surgir um

nôvo estado de coisas, com a intervenção de Deus nos negócios humanos, para pôr têrmo ao mal e cumprir milenares promessas com respeito ao reino de Jesus Cristo.

Não resta dúvida de que se olharmos apenas para o aspecto material da vida, afigura-se-nos como tendo apenas chegado às primeiras escaramuças de uma revolução científica. Na base disto é que muitos olham ao futuro com otimismo, vislumbrando uma era grandiosa para o mundo. Conferem à astronáutica um papel de relêvo no futuro quando, talvez imitando navegadores do passado, provocará descobertas que extasiarão o mundo e proporcionarão um nôvo ângulo de inspirações para a vida.

Êsse é o risonho futuro que o entusiasmo humano descortina à luz dos satélites artificiais lançados ao espaço.

Estamos presenciando o comêço ou o fim de um sonho? A ciência está construindo (e o povo acompanha com inusitado interêsse) uma versão nova da Tôrre de Babel, na qual emprega as mais expressivas fôrças da inteligência humana e as maiores dotações orçamentárias da História. Nesta altura do tempo — "era de satânico encantamento" — levanta-se a pergunta: chegaremos à concretização dos anseios visados pela ciência, entrando na posse de uma singular era de felicidade e de invulgares conquistas ou, então, sofreremos mais uma desilusão, vendo desfazer-se mais um sonho como tantos outros similares que a História regista?

Não resta dúvida de que grandes coisas nos reserva o porvir, e talvez a desilusão seja o quinhão mais certo para a maioria; e isto possìvelmente será a pior das desilusões por que já passou a família humana e o despertar mais realístico que o mundo já teve!

E o resto será silêncio . . . será mesmo o fim.

Razões Científicas, ou Ambição de Domínio Universal?

AS mais lídimas expressões da inteligência humana e os mais brilhantes expoentes do mundo científico têm estado, nestas últimas décadas, a serviço de propósitos bélicos. E não tem sido só o melhor das elites que se mobilizou para dedicar-se a tais estudos e investigações, mas também com o mesmo fim votaram-se as mais polpudas verbas de que se tem notícia e proveram-se os mais bem aparelhados laboratórios que o mundo conhece.

E tôdas essas brilhantes descobertas que desde 1940 começaram a aparecer no cenário bélico das maiores potências, numa progressão de realizações as mais estupendas, não tiveram o escopo meramente científico, isto é, razões de ordem estritamente investigativa à semelhança do que fazem inúmeros laboratórios de institutos terapêuticos. Não se pode também atribuir a êsse esfôrço todo uma questão de simples defesa territorial. A atmosfera político-internacional que se vem conservando carregada por muitos anos, induz-nos à sensação de que paira no ar o temor de que o domínio mundial venha a ser novamente tentado.

O ambiente de desconfiança que se gerou após a última grande guerra, proporcionou o clima que o mundo ora respira, muito pior que aquêle que existia antes da cruel luta. Pensava-se que as ditaduras européias fôssem cancros que precisavam ser extirpados para o bem de todos, mas o que se seguiu deixou o mundo

confuso. O sistema ideológico oriental e o método adotado para expandi-lo, pôs o Ocidente em polvorosa e promoveu o estado de alerta em que se vive e a mobilização dos espíritos na suposição de um inimigo em potencial. Do lado oriental o sistema de govêrno imperante não teve dificuldade em criar junto aos seus milhões de habitantes um sentimento de antipatia contra o que ali se convencionou chamar de capitalismo ocidental, apontando-o como um lôbo embuçado que a seu tempo lançar-se-ia contra as indefesas classes proletárias do Oriente. E se a isso acrescentar-se a dose de ateísmo que permeia os ventos orientais, ter-se-á uma expressiva agravante para as relações entre o Oriente e o Ocidente. As relações entre estas duas partes do mundo são tão superficiais que só uma criança é incapaz de perceber. São dois vizinhos que se toleram no momento mas que se sentem incapazes de afastar o pressentimento de que um pretexto forte os levará à luta armada.

As razões apontadas na esquematização desta possível luta são no sentido de que um dêles deseja o domínio universal. Di-lo o Oriente acusando o Ocidente; o inverso proclama-se do lado de cá.

Em face disto e como se está trabalhando em fôrça total na "operação Lua", vem a propósito citar a declaração feita à imprensa pelo Sr. Andrew Haley, presidente da Sociedade Internacional de Astronáutica, dizendo que o primeiro ocupante da Lua "provàvelmente poderá tornar-se senhor da Terra". É de supor-se que esta declaração do Sr. Haley encerre uma estimativa de propósitos não revelados nos planos de chegar-se à Lua, mas que se delineiam nos contornos do nebuloso horizonte da política internacional.

Assim como Nobel pensou um dia que a dinamite que inventara viria pôr mêdo às nações e as obrigaria a viverem em paz, é possível que o primeiro ocupante

da Lua imagine que em lá chegando poderá impor-se e impor. Tornar-se-ia o mandatário do planêta Terra, podendo até chegar à arrogância de ameaçar-nos em "cortar a luz" nos dias previstos para a Lua cheia!

A ambição é uma mola de liga muito dura e capaz de grandes impulsos. Quando bem intencionada e inteligentemente orientada pode levar o homem a conquistas boas com resultados positivos para a coletividade. Mas também sucede o oposto quando alimentada egoìsticamente.

Dêste último estilo foram as ambições de grande figuras da História, antes e depois de Napoleão Bonaparte, que sonharam poder dominar o mundo com o poderio de seus exércitos. E todos êles caíram como flor sêca e sua glória e pretensões são hoje apenas lembradas pelas letras negras das frias páginas da História. Mas como a vida é uma sucessão de fatos que se equivalem — mas cujas lições nem sempre se quer aprender — a ambição vez por outra ressurge para instigar conquistas visando o cetro do domínio universal, que fôra perdido desde o quinto século.

Dêste modo, seja com a pretensão de dominar o mundo ou para impedir que alguém o domine, o fato é que de ambos os lados da famosa cortina se fazem preparativos, com entusiasmo e febricidade, visando alcançar a Lua e, depois, os planêtas. Naturalmente, como não podia deixar de ser, isto funciona paralelamente com projetos de ordem militar no gênero dos foguetes, pois as tradicionais armas de guerra como o canhão e o fusil estão sendo olhadas como objetos que se encaminham para as vitrinas dos museus.

De modo que a Lua que até aqui era quase que ùnicamente alvo de divagações poéticas, transformou-se em instrumento de cobiça e em suposto centro de domínio sôbre a Terra. Doravante a Lua estará presente no noticiário da imprensa mundial em moldes diferentes. Saiu

dos calendários e almanaques para as manchetes mais sensacionais. Está decidido que deva ser conquistada e o homem está disposto a pagar o preço da aventura.

O desvario se apossou do homem moderno; êle nada teme e coisa alguma o faz retroceder de propósitos os mais avantajados.

Êste desejo de chegar até à Lua e a planêtas — esta possibilidade, digamos — não deixa de proporcionar ensejo para que se encare o tema não apenas pelo aspecto científico. Com efeito, as pretensões da ciência com respeito ao espaço sideral provocam o âmbito espiritual, parecendo às vêzes até sugerir à religião que diga alguma coisa. Isto porque a progressão dos satélites está se afigurando a muitos como um xeque-mate a certos aspectos da doutrina cristã.

Caso semelhante se deu, no passado, quando Charles Darwin trouxe à consideração pública sua teoria de que o homem descendia do macaco. Era uma contribuição de âmbito científico com a intenção de elucidar um assunto que, aliás, não está sujeito a equações humanas nem está precisando que se elucide. Mas o enunciado provocou logo reação nos setores espirituais, pois as idéias de Darwin atingiam frontalmente o relatório do Gênesis. Era a religião enfrentando a ciência com armas desiguais, mas objetivando reivindicar para Deus aquilo que só a Êle pertence: a qualidade de Criador. E a idéia de Charles Darwin morreu no vazio.

O mesmo se passa hoje com o que se pretende com os foguetes, os satélites e as futuras naves espaciais. Êles não deixam de constituir-se em aguilhão nas ilhargas de dogmas e princípios da fé cristã. Se todos os sonhos que os satélites têm provocado tivessem desde já a garantia de êxito absoluto, isto por certo forçaria a uma revisão na interpretação de alguns aspectos das esperanças da fé cristã. O espírito evolucionista de Darwin levou-o a extremadas pretensões, culminando com sua famosa afir-

mativa que se opunha ao relatório bíblico; e quanto aos foguetes e futuras naves interplanetárias, até onde se pretende que êles cheguem?

A Bíblia é a base da fé cristã. É a história do trato de Deus com o homem desde que êste fôra criado. Conta ela porque Deus criou a Terra e a tornou habitada e, também, diz de Seus propósitos em torná-la liberta das intromissões que em teologia se chama de pecados. É crença comum no cristianismo que a Bíblia veio à existência por obra do Espírito Santo, tendo homens servido apenas como instrumentos. É, portanto, um Livro de Deus que merece fé e incondicional acatamento. A teoria de Charles Darwin era fascinante e tinha colorido científico; mas até hoje a Bíblia continua vitoriosa na tese de reivindicar para Deus o ato da criação do homem. Os satélites artificiais e os homens postos em órbita têm tôda a fôrça da ciência a impeli-los e se apresentam com muito mais possibilidades que as meras teorias evolucionistas do passado.

Mas sucede que Deus tem planos (e a Bíblia os revela) que agora o homem de ciência está anunciando ser possível conseguir também por meio de seus engenhos inventivos. Daí resulta provocarem os satélites êstes dois prismas de observação: o científico e o religioso. A ciência lida com cálculos e elementos materiais e vai até aonde tais fatôres lhe permitam chegar. A religião lida com a fé que, sendo um dom de Deus, não está sujeita às limitações de ordem terrena e material. É curioso notar que os satélites parecem estar testando a fé cristã, forçando definições que podem favorecer a um ou a outro campo.

Se por um lado temos evidentes demonstrações do potencial a que chegaram os foguetes e de como aparentemente está sendo tão fácil colocar satélites e homens em órbita, por outro temos citações bíblicas que demonstram haver um limite que não pode ser ultrapassado.

Neste sentido há um trecho do discurso que o apóstolo São Paulo proferiu no famoso Areópago ateniense, que merece ser citado aqui pelo alcance de suas considerações. Na oportunidade, o apóstolo desenvolvia sua argumentação perante os sábios gregos, tendo por base ser Deus o Criador de tudo. Eis o trecho referido: "De um só fêz [Deus] tôda a geração dos homens, para habitar sôbre tôda a Terra, determinando os tempos já dantes ordenados, e os limites da sua habitação". Atos dos Apóstolos, cap. 17, verso 26.

Ninguém pode pôr em dúvida as possibilidades que se apresentam hoje à ciência de alcançar grandes coisas e, inclusive, conseguir transportar um ou mais homens até à Lua. Isto — se conseguido — tanto poderá representar muito como ficar restrito ao âmbito de apenas uma conquista a mais, sem resultados práticos e benéficos para a humanidade, tal qual àquilo que se obteve de sensacional até agora. Porém, a Terra continuará a ser o lugar da habitação do homem e representa "os limites da sua habitação". Homens foram lançados ao espaço exterior mas retornaram à Terra. Tais incursões vão continuar, mesmo que resultem em sacrifício de vidas (o que é agora admitido nas esferas técnicas), que serão consumidas por desintegração; porém, é significativo notar que em todos os planos constam dispositivos que visam permitir ao astronauta regressar à Terra. Ninguém quer ficar "lá fora".

E a "operação Lua" prossegue, ocupando nos planos dezenas de homens e milhões em dólares. Os detalhes das planificações são curiosos e mirabolantes, especialmente aquêles que se referem às plataformas espaciais, cujas peças serão lançadas aos pedaços no espaço e lá ajuntadas por processos especiais e devidamente aparafusadas; são as futuras estações de pouso das naves interplanetárias e que visam facilitar o acesso à Lua. Há, também, quanto à crosta lunar, detalhes minuciosos com

respeito à sua topografia e até já foram escolhidos os locais mais favoráveis para o desembarque de homens e material. A concretização dêstes sonhos todos, no entanto, está na dependência de muitos pormenores ainda em estudos e na remoção de sérios obstáculos. Por enquanto joga-se com muitas hipóteses e suposições; as deduções que se está tirando do que se observa na Lua por meio de poderosas lentes e os estudos destas vistas e fotos por enquanto se assemelham às de um míope lendo um cartaz distante: onde êle leu pão, na realidade está escrito pau.

Por outro lado, há setores científicos que se opõem à "operação Lua" por julgarem-na temerária e talvez fatal; alguns dêsses homens, baseados em critério mais sensato e proveitoso, alegam que seria melhor aplicar os vastos recursos desta "operação" aqui mesmo, pois há necessidade — alegam — de mais pesquisas nos campos da Física, Química e Biologia. Um dêles chegou a calcular que se o preço para enviar um homem à Lua é da ordem de um bilhão de dólares, com êsse dinheiro poder-se-iam executar mil projetos de pesquisas durante quarenta anos!

Seja como fôr, o fato presente é a obstinada intenção de chegar-se à Lua e para tanto cada dia surgem novas idéias, mais aperfeiçoados meios materiais e, naturalmente, mais e mais dinheiro. Uma coisa, porém, a tecnologia não pode alterar: é a estrutura do organismo humano. O "pó" continuará a ser pó, limitado por sua insuficiência e pecaminosidade até que Deus determine o contrário e revogue os "limites da sua habitação", dotando-o de nova composição orgânica.

A Lua e o Sol têm funções definidas por Deus como partes integrantes do nosso sistema solar, como "luminares na expansão dos céus, para alumiar a Terra" e servirem "para sinais e para tempos determinados e para dias e anos". Gênesis, cap. 1, versos 14 e 15. Parece-

nos claro que a existência dêstes luminares, consoante o Gênesis, teve por objetivo a própria Terra e existem em função dêste e dos demais planêtas do nosso sistema solar; e são necessários ao mecanismo que marca a contagem do tempo. No livro dos Salmos lê-se que Deus "designou a Lua para as estações" (Salmo 104, verso 19). Estas citações bíblicas têm sua confirmação nos fatos, pois é sabido que um dia é determinado pela rotação da Terra em tôrno do seu eixo (ou seja que em cada pôr do Sol decorre um dia); um mês é marcado pelas revoluções da Lua em tôrno da Terra; e, um ano, por uma rotação completa da Terra em tôrno do Sol. Ora, sendo a Lua um luminar com funções tão específicas e, conseqüentemente, dotado de composição especial para tal desempenho, não nos parece que sirva para os fins a que a estão cobiçando. Inegàvelmente, será a mais ousada temeridade da História a tentativa que será feita de investir em tal rumo.

Por mais acalentados que sejam os sonhos humanos e mais eficientes os meios técnicos de que dispõem, os quais dão, inegàvelmente, certa base de segurança, nunca se poderá transpor a barreira dos desígnios da Onipotência. Não se pode negar o mérito que merecem os homens de ciência que estão à testa de tais empreendimentos. Êles fazem jus a aplausos os mais calorosos. Deve-se reconhecer que êles têm em mãos fatôres e elementos de sumo poder técnico e que suas planificações têm base matemática, isto é, todo o rigor do cálculo e a precisão oriunda de comprovadas experiências. Estão êles agindo com bases técnicas e científicas as mais elevadas e não os move qualquer ilusão aventureira. Porém, nada disto é garantia de coisa nenhuma, pois tudo é produto da concepção humana e, assim, sujeito a falhas imprevisíveis.

O arrôjo de tais planos, no entanto, não deve merecer desprêzo porque se apresentam êles grandiosos e

nunca dantes vistos ou imaginados. Não podemos julgá-los impraticáveis pelo aspecto audacioso que encerram e por causarem espanto e provocarem sorrisos de incredulidade. Vivemos no século das luzes; êste maravilhoso século vinte, que tem dado as mais brilhantes, mais numerosas e empolgantes conquistas do gênio humano, numa torrente fecunda de realizações inventivas, que vieram transformar milenares hábitos e costumes e deram à vida uma feição de constante renovação e surprêsas. E tão extraordinária e exuberante tem sido esta expansão do conhecimento que estamos por assim dizer chegando aos limites máximos e dentro em pouco não restará nada mais para inventar ou aperfeiçoar. Daí a razão, por certo, dêste extravasamento de sabedoria levar o homem a expandir-se para além das limitações terrenas e o habilitar a surpreender o mundo com planos cada vez mais fantásticos.

Homens de ciência, em eras passadas, foram perseguidos porque suas observações se opunham aos ensinos da igreja medieval, que incorporara aos seus dogmas explanações científicas correntes. Tais atritos ter-se-iam evitado se cada um reconhecesse os limites de seus respectivos setores.

Não obstante, não se pode negar haver uma deliberada insistência por parte do homem, uma teimosia cega em insistir em seus intentos, mesmo que pressinta o mal. Aí estão como exemplo frisante disto, as contínuas experiências com explosões atômicas, a despeito da perigosa "poeira radioativa" que vem causando vítimas e provocando reclamações. O Japão foi a vítima número um das primeiras explosões atômicas e até hoje sofre na carne as conseqüências; depois, as irradiações provocadas pelas experiências do Pacífico renovaram o número de vítimas. Êsse país chegou a preparar um filme intitulado "O Mundo Aterrorizado", no qual "mostra, especialmente, monstros criados pelas radiações atômicas, tais

como uma criança que tem apenas um ôlho, e cuja mão está implantada na caixa torácica, pequenos peixes com duas cabeças, casos de câncer e outros".

Ora, sabendo o homem que tais explosões atômicas geram monstros e ameaçam o futuro da raça, e mesmo assim persiste, não é de admirar que seu desvario o leve agora rumo ao espaço desconhecido, sujeito a riscos e funestas conseqüências e com dispêndio de bilhões de dólares que bem podiam ser melhor aplicados.

E no tocante às pretensões de domínio universal, convém lembrar que há um interessante esquema bíblico ilustrando a História Universal, desde o império babilônico até ao estabelecimento do reino de Cristo. Foi dado ao profeta hebreu Daniel, nos pujantes dias de Babilônia e consta do capítulo dois do livro bíblico que tem o seu nome. Também nos capítulos sete e oito há outros detalhes e aspectos dos fenômenos político-religiosos que se seguiriam à queda do império romano ocidental. A afirmativa feita pelo profeta é de que após o último império universal não haveria mais um domínio único, quer de uma nação quer de um grupo de nações, visto que "não se ligarão um ao outro, assim como o ferro não se mistura com o barro".

Temos hoje diante de nós o testemunho da História, que comprova que as tentativas para restabelecer um domínio central supremo falharam. O próprio nome do atual organismo internacional das nações (Organização das Nações Unidas) é um paradoxo, pois a união de fato não existe entre seus componentes, e também constitui uma comprovação da afirmativa profética acima referida: o barro não se mistura mesmo com o ferro.

Somos inclinados a pensar, pelo exame dos fatos e lições de ocorrências muitas, que razões científicas não estão em primeiro plano nas investigações sensacionais da hora presente. Também não se cogita com êsses arrojados planos melhorar as relações humanas ou apri-

morar o caráter. O espectro da guerra desenha-se no horizonte, rodeado de reticências e interrogações; em seu holocausto milhões de dólares são queimados diàriamente, cujo fumo sobe ao Céu e dá perante Deus testemunho contra o homem moderno, em cujo coração algo se descontrolou.

Razões científicas, que parecem encobrir razões outras, prestam-se a construir mais um castelo de ilusões, tendo como cenário de fundo esta hora explosiva.

Invasão dos Marcianos

Temor Infundado ou Realidade?

FOI após a última grande guerra que o número de neuróticos cresceu, e tende a aumentar. De mal produzido pelos choques e emoções da guerra, passou ao convívio cotidiano e a figurar nas primeiras colunas de estatísticas médicas. Influências as mais variadas, reflexos da complexidade da vida moderna e de desregramentos sociais, estão atuando poderosamente sôbre o organismo e a mente de milhões de criaturas. Nos centros de vida mais intensa o número de neuróticos vai a cêrca de quarenta por cento dentre os doentes hospitalizados, é o que revelam estatísticas.

Parece que estamos num tempo de colheita variada, resultado de sementeira de muitos anos de males acumulados. É esta a época do nervosismo e do mêdo. Parece que por tôda a parte o homem está vendo "coisas"; fantasmas, "discos", marcianos, bolas de fogo, luzes ... É o temor, a insegurança dos dias futuros, o receio de que algo de anormal se esteja passando.

Imaginemos só! a um mundo já sobrecarregado de problemas e de perplexidades que o estiolam e agitam, veio agora juntar-se o mêdo de que estamos ameaçados de uma invasão de habitantes do planêta Marte! É isto um sentimento neurótico, uma opinião tôla, ou há algo de concreto para fazer-se tal conjetura tão alarmante e indesejável? A procedência é de fontes sérias. Observa-se que não são palpites vulgares ou de ordem fa-

nática. Vem em geral de vozes autorizadas e de estudiosos dos fenômenos que se estão observando em várias partes do mundo, notadamente as aparições dos chamados "discos voadores" que, dizem, têm sido notados sobrevoando pontos estratégicos e bases aéreas.

Juntem-se a isto os relatos de que teriam sido vistos tripulantes dêsses "discos", de aspecto "julioverniano" e mais próprios de história de quadrinhos; as pretendidas entrevistas e viagens que alguns dizem terem feito com tais sêres misteriosos e, como não podia faltar, o cortejo de fantasiosas histórias, dignas dos contos policiais. Como a imprensa tem dado ampla cobertura a tais casos, o mundo todo está alertado e vive por assim dizer na expectativa de algo fenomenal e dantesco a vir sôbre a Terra.

Acresce que nomes ilustres têm vindo a público expor seus temores, como aconteceu com o General Mac Arthur, o famoso herói da guerra passada nas ilhas do Pacífico. Em entrevista publicada pela imprensa disse o general ser de interêsse comum "a união de tôdas as nações para sobreviver contra o ataque de sêres de outros planêtas". Como se vê, tal exteriorização evidencia que altas esferas militares e governamentais possìvelmente estejam considerando o alcance desta suposição.

Naturalmente que o fenômeno "disco voador" tem contribuído para acentuar êste temor e deve ser a causa principal que motiva a suposta invasão de marcianos. Realmente, êsses "discos" são intrigantes e provocadores! Aparecem e desaparecem como por encanto, numa velocidade espantosa e mobilidade de ação jamais igualada. A origem dos "discos" até aqui está baseada em mera suposição ou em explicações de puro cunho filosófico, o que dá no mesmo, pois não sai do terreno das conjeturas e idéias pessoais.

E por que se está pensando em marcianos? Por que atribuir aos "discos" procedência de outro planêta? Levantadas as perguntas, o homem mesmo buscou as respostas, pretendendo com elas desfazer a incógnita ou acalmar os nervos. De fato, o que se supõe é produto do mêdo que invadiu o coração humano, uma espécie de visão oriunda de organismo depauperado.

Dizem que os marcianos e os sêres de outros planêtas estão preocupados com o que se passa aqui na Terra, pois as sucessivas explosões atômicas que se estão fazendo para experimentar diferentes tipos de bombas e armas nucleares estão pondo em risco a estabilidade dos planêtas. É como se os marcianos olhassem para nós como um pai o faria para o filho pequeno a quem visse com uma granada na mão e com o dedinho a brincar com a alça de segurança. Julgam os habitantes de outros planêtas que as possibilidades que se deparam ao homem com a descoberta da desintegração do átomo é um brinquedo muito sério e com o qual o homem não está habilitado a lidar com prudência por ignorar os efeitos que se estariam sentindo para além do espaço exterior. E acrescentam que como os marcianos sabem e sentem tais emanações e temendo que sobrevenham conseqüências funestas para êles e para os habitantes da Terra, vão intervir aqui para impor que se acabe com a brincadeira dessas explosões nucleares. Êles virão — dizem — para ensinar ao homem o modo correto de vida, pois como sêres superiores em conhecimento estão em condições de fazê-lo.

Não resta dúvida que as suposições soam bem. Têm todo o sabor de novela e o encanto das coisas misteriosas. O curioso é que há alguns anos não era aceita a idéia da existência de outros mundos habitados, julgando-se ser esta Terra com tôda a sua imperfeição o centro do universo, o que de melhor e único existia, afora o paraíso de Deus. Vê-se, pois, que o temor gerado pelos "discos" pelo menos trouxe um benefício imediato: convencer o homem de sua pequenez e levá-lo a olhar

ao universo em têrmos incomensuráveis, com muitos outros planêtas habitados e outros sistemas solares, num reconhecido testemunho da grandeza de Deus Onipotente.

Se pensarmos em têrmos de crença cristã, levando em consideração os fundamentos da fé, não podemos aceitar a idéia de estarmos na iminência de sofrer uma invasão proveniente de sêres de outros planêtas. A fé cristã, a aceitação das promessas de Jesus Cristo, repudia totalmente tal parecer por absurdo e inexeqüível. Não é uma rejeição movida por impulso religioso ou sentimentos de crença, mas é que não há harmonia entre a suposição de invasão e os ensinos da fé cristã. Êles se repulsam por seu conteúdo.

A fé cristã não é um sentimento; é substância. São Paulo fala de Jesus Cristo como o Autor e Consumador da fé. O mesmo apóstolo, antes de morrer, declarou: "Guardei a fé"; e em muitas de suas epístolas há definições eruditas a respeito da fé, mas talvez a mais expressiva seja aquela em que diz que "a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das que se não vêem".

Portanto, temos que pensar na fé cristã em têrmos concretos, em algo que a represente e corporifique. E o que é isto se não as porções escritas por inspiração divina, tanto do Velho como do Nôvo Testamento e que forma um todo representado pelas doutrinas, promessas e mandamentos. Consulte-se, pois, isto e ver-se-á que a idéia de invasão marciana não tem abrigo em parte alguma dos livros sagrados. Mas demos destaque aos seguintes pontos principais que dizem mais de perto com o caso em pauta:

a) Os reinos básicos do continente europeu que procedem dos antigos povos que subdividiram o império romano, permanecerão até que se dê a intervenção de Deus para estabelecer o reino de Cristo. — Consoante a profecia de Daniel, capítulo 2, verso 44.

b) Tal evento marcará o fim dos reinos atuais e conseqüente desaparecimento dos sistemas de govêrno ora existentes. — *Ibidem.*

c) Não serão os marcianos ou habitantes de qualquer outro planêta que virão para pôr têrmo aos desmandos humanos e aos desajustes sociais, mas será o próprio Filho de Deus, em Sua prometida segunda vinda. — Algumas referências sôbre isto podem-se ler em São Mateus, capítulo 24, versos 29 e 30; Atos dos Apóstolos, capítulo 1, verso 11; II Tessalonicenses, capítulo 1, versos 7 a 9.

Não há nada, pois, a temer quanto aos marcianos ou seus parentes próximos. Relaxe-se a tensão nervosa quanto a isto; seja banida tal concepção da mente e dê-se ao espírito a adequada predisposição para pensar em consonância com as promessas de Deus e permita-se-lhe assimilar o sentido correto da fé.

Em uma fábrica de papel, certo dia, o químico responsável deparou-se com um problema muito sério e que, segundo tudo indicava, determinaria sua expulsão da companhia. É que se dera um engano lamentável e uma partida de papel saíra imprestável, sem consistência. Uma amostra fôra enviada à diretoria como prova da falta cometida e estudava-se a pena a ser aplicada ao empregado culposo. Enquanto isto, o acusado recolhera-se ao seu escritório, temeroso e acabrunhado. Seus dedos trêmulos seguravam um pedaço do papel julgado inutilizado, enquanto os olhos pareciam duvidar da realidade do engano havido. Tão nervoso o jovem químico

se encontrava que, ao destampar um tinteiro, derramou um pouco de tinta sôbre a mesa. Sucedeu então o imprevisto. Aquêle pedaço de papel começou a absorver a tinta derramada, causando espanto ao químico e provocando-lhe um brado de alegria. Sua tristeza e mêdo transformaram-se em alegria e vitória. Foi logo correndo à Diretoria mostrar a maravilha que se dera. A perda tornara-se em ganho. Era o papel mata-borrão que nascia de improviso.

Êste incidente serve para ensinar-nos a lição de transformar-se o temor de uma invasão de marcianos pela sadia e bendita alegria, que deve resultar para o cristão, de saber que em vez dos marcianos será Jesus Cristo que há de vir. E, assim, o que se está perdendo agora em divagações estéreis e conjeturas fúteis, resultará em ganho. Ganho para a fé, alento para a alma e descanso benéfico para o espírito.

É curioso que às vêzes uma mentira ou utopia tenham mais fôrça impressiva que um fato real. Há muitos casos que o comprovam. Mas não se permita que esta história de marcianos seja uma delas e colha os louros que não merece. Louros de uma vitória publicitária tão ampla e que tem alcançado todos os quadrantes da Terra!

Se porventura o leitor não conhece o que as Sagradas Escrituras dizem a respeito da segunda vinda de Jesus, é de sua conveniência procurar sabê-lo sem demora; se fôr o caso, no entanto, de já saber disto, mas não ter para com o mesmo maior entusiasmo, deve agora rever com cuidado o tema e considerá-lo como sério e pessoal.

Mas tomemos por alguns minutos emprestada a idéia da invasão dos marcianos e vamos considerá-la como sendo uma realidade. Que conseqüências adviriam disto para as nações? Seriam subjugadas, digamos, pelo poderio de fôrças superiores e obrigadas a viverem sob as ordens de um regime despótico. Seria uma coisa semelhante ao que tem acontecido em certos períodos da história de alguns países, quando submetidos a um domínio central e discricionário; aliás, situação esta ainda vivida por alguns, infelizmente. E por piores que tenham sido as condições dominantes em tais ocasiões, a estrutura geral da vida não apresentou solução de continuidade; como é o caso de países que no presente não se orientam por princípios democráticos. O mesmo haveria de suceder sob o domínio dos marcianos; tôdas as coisas permaneceriam nos seus lugares como dantes e apenas o aspecto político-administrativo é que seria por certo alterado.

Porém, no tocante à intervenção que se dará com a segunda vinda de Jesus, o caso muda de feição, radicalmente, de vez que haverá uma transformação completa e literal na superfície da Terra e no próprio ser humano, com reflexos danosos sôbre os que não forem julgados dignos do reino a estabelecer-se.

De modo que, mesmo por uma questão de conservação pessoal, convém tomar o lado da fé e envidar esforços para adquirir o adequado preparo para êsse evento. Êle fará parar a máquina das atividades humanas em todos os seus variados aspectos. Fará cessar a vida sôbre a Terra, pois enquanto uns serão arrebatados e levados para o Céu, outros morrerão fulminados pelo esplendor da glória do Senhor. Para uns será um acontecimento tétrico, de funestas conseqüências, ao passo que para os remidos apresentar-se-á como um dia feliz e no qual se concretizarão esperanças que por longos anos foram alimentadas pela fé.

É êsse aspecto duplo e certo que a segunda vinda de Jesus irá provocar, que causa profunda impressão. Zombar disto não traz nenhuma atenuante; duvidar que se transformem em realidade é apenas uma satisfação à incredulidade ou, talvez o mais certo, uma derivação de

sentimento materializado e amalgamado às rotinas da vida presente.

Mas experimente-se dirigir os pensamentos para os altos e santos ideais apontados por Deus e procure-se dar coerência à vida cristã, pautando-a pela observância dos reclamos divinos e à guarda dos Dez Mandamentos, e ter-se-á um nôvo e perfeito ângulo de observação e a conseqüente incorporação à personalidade de uma visão compreensiva do futuro apontado por Deus.

E deixem-se os marcianos em paz; êles não nos molestarão jamais.

Frio ou Quente?

HÁ um brinquedo de criança em que se esconde alguma coisa e quem a procura vai perguntando se está frio ou quente, para orientar-se se está perto ou distante do objeto escondido. Parece que é a uma espécie de brinquedo assim que se quer submeter o destino da Terra. Pois não é? Exato.

Sabem, nesta linha de fantasias e superfluidades que cerca a vida moderna, os palpites e as suposições com respeito ao futuro não têm limitações.

Não há nada mais útil ao ser humano do que a aquisição de conhecimentos; mas também nada mais nocivo se isto promover enfatuamento. Quando se ignoram as coisas não se sente delas falta, mas quando se pretende saber coisas é amargoso ser forçado uma vez a dizer "não sei." De modo que é uma tendência bem humana pretender dar explicações por conta própria sôbre isto ou aquilo, tendo apenas como base a presunção. Veja-se, por exemplo, o disparate de anos que se atribui deva existir a Terra. Uns dão 10 mil anos; outros chegam a 50 mil; mas muitos vão a cifras maiores ainda, mais fantásticas! O mesmo se passa quanto à origem do ser humano. Quantas suposições fantasiosas, recheadas de presunção! Desde a famosa teoria de Darwin, com respeito ao macaco, até à mais recente de um professor de biologia de uma universidade do Texas, nos Estados Unidos, que disse: "Todos os animais são em realidade um tipo altamente modificado de planta, derivados,

desde um bilhão de anos atrás, de um ancestral comum com a alga marinha parda". Segundo êsse biólogo americano — Dr. Lawrence S. Dillon — havia um só reino, o vegetal; éramos planta, agora somos gente; éramos erva, agora somos carne.

No capítulo anterior comentámos o caso dos marcianos, e não é interessante notar a sofreguidão com que certos setores científicos dão explicações ou tecem conjeturas, por vêzes até alarmantes! Neste capítulo desejamos referir-nos à hipótese formulada por alguns dêsses setores, sôbre a possibilidade de vir a ser extinta a vida sôbre a Terra. São apontadas duas maneiras como as mais prováveis de acontecer. Sugerem que uma será pelo enfraquecimento do Sol, que produzirá um lento e progressivo resfriamento da crosta da Terra, reduzindo tudo a gêlo, inclusive os pingüins, naturalmente. A outra hipótese é o inverso; será, dizem, pelo fôgo. Asseveram êsses cientistas que, segundo observações que têm sido feitas, notam que o Sol tende a expandir-se e que, conseqüentemente, produzirá em breve muito mais energia. Resultará disto um superaquecimento que irá provocar tremenda explosão na Terra, envolvendo-a em pavoroso incêndio, que a tudo devastará.

Como se pode perceber, em seus vaticínios científicos não nos estão reservando nada de lisonjeiro para os dias futuros. Com efeito, segundo êles, se escaparmos de nos convertermos em estátuas de gêlo, viraremos tição. Será, pois, um futuro em branco ou prêto. A Terra virá a ser uma bola de neve ou uma mina de carvão virada do avêsso.

Certos enunciados científicos que hoje vez por outra aparecem, têm muita semelhança com fatos idênticos de séculos passados, quando a ciência engatinhava e dispunha, por isso mesmo, de parcos recursos; mas que, não obstante, não constituíram tropêço para legar à História palpitezinhos com rótulos científicos e que hoje são simplesmente ridículos. Para apenas estabelecer-se uma comparação com afirmativas modernas, recordo aqui os seguintes fatos:

1. Para Platão, o mais sábio dos gregos, o Oceano Atlântico, a leste de Gibraltar, era baixo demais para a navegação; ensinava que acontecimentos futuros podiam ser conhecidos pelo exame do fígado, etc.

2. Para Aristóteles o coração possuía três cavidades e o cérebro era a parte mais fria do corpo.

3. Heródoto, chamado o "Pai da História", afirmava que na Índia existiam formigas tão grandes como rapôsas.

4. Plínio o Antigo, falava de uma raça cujos pés se voltam para trás, e de outra que não tem bôca, mas alimenta-se de substâncias odoríferas; e dizia êle que os trovões vêm das estrêlas.

5. Josefo era um dos homens mais bem informados dos seus dias, mas em História Natural cai nos mesmos absurdos que outros. Fala-nos de um Rio Sabático, isto é, que corria seis dias na semana, mas parava aos sábados.

E aí estão cinco dos maiores e mais sábios homens do mundo antigo e os erros e absurdos que ensinaram no seu tempo.

Hoje achamos graça disso e temos dó dos que beberam tais ensinamentos e talvez, em face disto, nos julguemos intelectualmente superiores. Mas ano após ano teorias se levantam, e outras caem como absurdas, chegando-se hoje em matéria de ciência a ter — como sucede com a biblioteca do Louvre, em Paris — montanhas de livros que marcaram época, mas no presente nada valem. É lógico que isto deriva do aumento do conhe-

cimento científico em geral, que vem recebendo novas e constantes renovações, proporcionadas pelos privilegiados cérebros da atualidade, expoentes máximos do gênio humano em tôdas as eras.

Tanto quanto possível o cientista devia sempre estar em harmonia com Deus em suas investigações; mas, para tanto, necessário se faz que tenha comprovada base espiritual e não se deixe enfatuar pelo saber ou estontear-se pelas culminâncias de gloriosas conquistas. Sempre que o cientista divergiu das Sagradas Escrituras, isto é, que suas observações ou teorias contrapuseram-se ao que sôbre o assunto estava apresentado no Livro Sagrado, teve mais tarde ocasião de confessar-se equivocado. Deus nos faz saber pela Bíblia que a Terra está suspensa sôbre nada; mas muito cientista, não acreditando, inventou a idéia de que era sustida por colunas ou por elefantes poderosos etc. E hoje qualquer ateu esclarecido sabe que a Terra se mantém suspensa no ar, embora não creia que isto seja pelo poder de Deus.

Sendo que "o propósito da ciência é desenvolver, sem prejuízo ou preconceito de qualquer espécie, um conhecimento dos fatos, das leis e dos processos da Natureza", é lógico que só pode mergulhar na aventura quando se afasta dos limites do seu campo de ação. Especialmente em se tratando de verdades reveladas por Deus, nenhum cientista devia pretender suplantá-las, pois o mais certo é que cairá no ridículo; aliás, demos acima exemplos disto.

Um exemplo muito expressivo do bem que pode advir quando na mente do cientista o conhecimento religioso tem um lugar reservado, foi dado por Louis Pasteur, o grande e piedoso cientista francês mundialmente conhecido. Coube-lhe o privilégio de derrotar a doutrina da geração espontânea levantada por Needham, no século dezoito, demonstrando que vida só pode vir de vida. E não podia ser outro o resultado, pois Pasteur provara

seus sentimentos religiosos ao dizer que quanto mais estudava a Natureza tanto mais se assombrava ante as obras do Criador.

De modo que das divagações em ciência ou da formulação de hipóteses, resultam às vêzes aspectos como êsse do "frio ou quente", isto é, de que a Terra virará Branca de Neve ou Pai Tomás.

Mas o fato certo é que não será nem uma nem outra coisa o que nos reserva o futuro. A Terra não vai converter-se em gêlo; nem o Sol vai provocar-lhe uma explosão. Deus, o Criador da Terra e de tudo que nela há, tem-lhe reservado um futuro diferente.

Ainda uma vez chegamos ao mesmo dilema de capítulos anteriores. Ou refletimos como cristãos sendo cristãos, ou deixemos de sê-lo e divaguemos à vontade. Como cristãos não nos fica bem divergir de Deus. Entre nós, sim; como sêres humanos e imperfeitos podemos discutir nossas idéias e contrariá-las conforme nos parecer melhor ou segundo a compreensão que tivermos do assunto; mas, francamente, proceder anàlogamente para com a Divindade celestial é tolice sem qualificação.

Um cientista pode derrubar a idéia de um colega devido a novos aspectos que tenha descoberto, e pela mesma razão verá mais adiante os seus conceitos também refutados. Mas de Deus vem o pensamento certo, preciso, real. E neste cipoal de enunciados científicos e filosóficos e de idéias sôbre temas de tão vasto alcance, e quando de fato não se sabe quem merece crédito, o mais acertado é recorrer-se a Deus em busca de uma solução. Não dizemos isto no sentido espiritual, quando a alma acabrunhada e desiludida, busca em Deus o consôlo que lhe falta e a serenidade e ânimo que precisa para enfrentar a vida. Dizemo-lo no sentido de revelação de coisas que se estão buscando por outros meios e que já constam da Bíblia.

E o destino do mundo é um dos aspectos mais clara-

mente apresentados na Bíblia e com mais riqueza de detalhes. Portanto, por que preocupar-nos com hipóteses quando se tem o certo? Por que ouvir uma mera opinião humana, quando se tem o pronunciamento infalível do Céu? Não é mesmo?

Mas o curioso e incompreensível é que por vêzes há mais receptividade para uma utopia do que para aquilo que as páginas inspiradas do Livro de Deus regista.

Há um caso concreto sôbre isto. É o seguinte. São Pedro, em sua segunda epístola, no capítulo três, versos 10 e 12, escreveu o seguinte com respeito ao destino da Terra: "Mas o dia do Senhor virá como ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a Terra, e as obras que nela há, se queimarão ... os céus, em fogo se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão". Aí não consta apenas a destruição dos elementos por fogo, mas afirma que êles se *desintegrarão*. Ora, antes do advento da bomba atômica não era conhecido o processo de desintegração do átomo e, portanto, não era ensinado nem crido como divisível; daí ser a afirmativa de São Pedro na passagem supra tida por cientistas como absurda e atentatória aos postulados da ciência.

Pois bem, sabendo-se hoje por experiência própria — que o digam Hiroshima e Nagasaki — que os elementos são desintegráveis por elevada temperatura, resta-nos olhar com respeito e acatamento ao que São Pedro escreveu por inspiração divina. Mais do que isto, vejam-se na aludida passagem as linhas gerais do que nos reserva o futuro. Não é uma hipótese em que se joga com "Frio ou quente", mas uma declaração líquida e direta; mais ainda: é hoje de puro cunho científico e de comprovada experimentação.

Veio, pois, a era atômica autenticar e dar comprovação científica ao pronunciamento profético feito há perto de mil e novecentos anos.

A crosta da Terra será de fato varrida por fogo e os elementos sôbre ela existentes desintegrar-se-ão, reduzindo-se tudo a cinzas; porém não o será pelo superaquecimento do Sol, mas como o indicam as Sagradas Escrituras. Dando mais detalhes, o apóstolo São Pedro afirma que os céus (naturalmente, atmosféricos) e a Terra que agora existem, estão reservados e guardados como tesouros "para o fogo, até o dia do juízo, e da perdição dos homens ímpios". Será algo semelhante ao que resulta da explosão da bomba atômica.

Até que isto se dê, ninguém e coisa alguma determinará o extermínio da vida sôbre a Terra. A expressão do apóstolo dizendo que "se reservam como tesouro", denota a intocabilidade por outrem sôbre aquilo que a Onipotência há determinado ela mesma fazer. E o fará como um ato de justiça, mediante julgamento prèviamente anunciado. O "juízo final" ou "fogo do juízo" são talvez as expressões mais familiares e conhecidas da família cristã. Não é pois novidade o que estamos considerando aqui. Deus já o tem feito saber através de séculos, usando para tanto Seus servos e a Sua Santa Palavra — a Bíblia. O que tem sido deturpado é a maneira em que se dará o juízo; e, mais do que isso, tem sido esquecido ou negligenciado o preparo para êsse dia. Dizemos preparo com vistas aos pormenores bíblicos que os esclarecem, salientando-se a conversão e sua continuidade dentro do padrão de vida nova que o Espírito de Deus promove.

À aproximação do fogo a palha se agita e se contorce; o ouro, porém, brilha sereno. As almas piedosas e que anelam de fato a salvação, que vivem em consonância com sua fé cristã, coerentemente, no temor de Deus e em observância aos dez mandamentos, cada dia que mais as aproxima do juízo sentem o brilho da graça divina em seus corações, que se reflete num viver digno e honrado aos olhos de Deus. As que se encontram em

mente apresentados na Bíblia e com mais riqueza de detalhes. Portanto, por que preocupar-nos com hipóteses quando se tem o certo? Por que ouvir uma mera opinião humana, quando se tem o pronunciamento infalível do Céu? Não é mesmo?

Mas o curioso e incompreensível é que por vêzes há mais receptividade para uma utopia do que para aquilo que as páginas inspiradas do Livro de Deus regista.

Há um caso concreto sôbre isto. É o seguinte. São Pedro, em sua segunda epístola, no capítulo três, versos 10 e 12, escreveu o seguinte com respeito ao destino da Terra: "Mas o dia do Senhor virá como ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a Terra, e as obras que nela há, se queimarão ... os céus, em fogo se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão". Aí não consta apenas a destruição dos elementos por fogo, mas afirma que êles se *desintegrarão*. Ora, antes do advento da bomba atômica não era conhecido o processo de desintegração do átomo e, portanto, não era ensinado nem crido como divisível; daí ser a afirmativa de São Pedro na passagem supra tida por cientistas como absurda e atentatória aos postulados da ciência.

Pois bem, sabendo-se hoje por experiência própria — que o digam Hiroshima e Nagasaki — que os elementos são desintegráveis por elevada temperatura, resta-nos olhar com respeito e acatamento ao que São Pedro escreveu por inspiração divina. Mais do que isto, vejam-se na aludida passagem as linhas gerais do que nos reserva o futuro. Não é uma hipótese em que se joga com "Frio ou quente", mas uma declaração líquida e direta; mais ainda: é hoje de puro cunho científico e de comprovada experimentação.

Veio, pois, a era atômica autenticar e dar comprovação científica ao pronunciamento profético feito há perto de mil e novecentos anos.

A crosta da Terra será de fato varrida por fogo e os elementos sôbre ela existentes desintegrar-se-ão, reduzindo-se tudo a cinzas; porém não o será pelo superaquecimento do Sol, mas como o indicam as Sagradas Escrituras. Dando mais detalhes, o apóstolo São Pedro afirma que os céus (naturalmente, atmosféricos) e a Terra que agora existem, estão reservados e guardados como tesouros "para o fogo, até o dia do juízo, e da perdição dos homens ímpios". Será algo semelhante ao que resulta da explosão da bomba atômica.

Até que isto se dê, ninguém e coisa alguma determinará o extermínio da vida sôbre a Terra. A expressão do apóstolo dizendo que "se reservam como tesouro", denota a intocabilidade por outrem sôbre aquilo que a Onipotência há determinado ela mesma fazer. E o fará como um ato de justiça, mediante julgamento prèviamente anunciado. O "juízo final" ou "fogo do juízo" são talvez as expressões mais familiares e conhecidas da família cristã. Não é pois novidade o que estamos considerando aqui. Deus já o tem feito saber através de séculos, usando para tanto Seus servos e a Sua Santa Palavra — a Bíblia. O que tem sido deturpado é a maneira em que se dará o juízo; e, mais do que isso, tem sido esquecido ou negligenciado o preparo para êsse dia. Dizemos preparo com vistas aos pormenores bíblicos que os esclarecem, salientando-se a conversão e sua continuidade dentro do padrão de vida nova que o Espírito de Deus promove.

À aproximação do fogo a palha se agita e se contorce; o ouro, porém, brilha sereno. As almas piedosas e que anelam de fato a salvação, que vivem em consonância com sua fé cristã, coerentemente, no temor de Deus e em observância aos dez mandamentos, cada dia que mais as aproxima do juízo sentem o brilho da graça divina em seus corações, que se reflete num viver digno e honrado aos olhos de Deus. As que se encontram em

situação oposta, porém, quando pensam no fogo do juízo, zombam por incredulidade ou ignorância, ou então se agitam sentindo doer a consciência por viverem em pecado.

Quão triste é pensar que "os ímpios perecerão, e os inimigos do Senhor serão como a gordura dos cordeiros: desaparecerão, e em fumo se desfarão". Mas quanto bem nos faz e quanta alegria nos causa saber que há uma esperança de sobrevivência, pois é-nos assegurado que "aquêle que faz a vontade de Deus permanece para sempre".

Bom será que haja em nós, para com as previsões divinas, a mesma receptividade que em geral tão fàcilmente damos ao que procede de arraiais científicos.

Viagem Interplanetária

A "OPERAÇÃO Lua" está associada aos planos de chegar-se aos outros planêtas. Pensa-se em Vênus ou Marte por serem os vizinhos mais próximos em nosso sistema solar. Os satélites lançados com tão surpreendente êxito foram os testes decisivos para o prosseguimento dos estudos e planificações. O problema agora é lançá-los em maiores dimensões ou talvez em partes, que seriam depois ajustadas no espaço por pilotos engenheiros siderais. São as chamadas plataformas do espaço, pequenos mundos que o gênio humano pretende criar para facilitar suas comunicações com os demais planêtas. Elas disporão de tudo que se julgar necessário ao fenomenal empreendimento. A idéia, não resta dúvida, cativa e as previsões técnicas, com tanta minúcia de detalhes, são estonteantes.

Hoje quando se deseja notícias de um avião a agência costuma dizer que êle já decolou da cidade tal e deverá chegar dentro de tantos minutos. No plano futuro as informações conterão mais ou menos uma coisa assim: "A aeronave interplanetária XG poderá ser vista hoje às 20 horas passando a altura do Maranhão; sua chegada está prevista para o ano que vem em tal e tal data". Enquanto isto, as cartas virão diretamente de bordo para o destinatário por um sistema especial de radiocomunicação entre a aeronave e a Terra. Mas depois de certa distância um nôvo sistema de televisão a côres porá o viajante frente a frente com sua família para uma palestra diária, cujo preço já estará

incluído na passagem. São sonhos grandiosos. Serão tentativas para objetivar em edição corrigida os romances de Júlio Verne.

Mas o que deseja o homem fazer em Marte ou Vênus? Que é que o atrai para lá? Porventura esgotaram-se já as fontes terrenas de exploração e desenvolvimento? Não temos porventura nada mais que fazer aqui e temos já cumprido com a missão de habitar e povoar a Terra?

Bem, algum propósito deve o homem ter em vista, de vez que está invertendo nessa empreitada bilhões e bilhões de dólares e por muitos anos ainda não sairá do terreno das experimentações. Tais estudos vão absorver um volume de verbas muitas vêzes superior a qualquer cifra até aqui gasta em qualquer empreendimento. Ora, sendo que há em todos os países ainda muito projeto nobre que aguarda verba, não se compreende como se possa fazer tal dispêndio numa aventura que pode durar apenas uns ilusórios momentos. Pode-se, é certo, compreender isto se se aplicar o provérbio que diz que "mais vale um prazer que dois vinténs"; estribado no qual muito lar deixa de ter confôrto e mais pão porque o dinheiro foi deixado ali adiante na taberna, no jôgo ou no prostíbulo. É a sêde voluptuosa a cujos reclamos o corpo pecador se compraz satisfazer; são os devaneios conspurcados que se não repelem e se vão cristalizar através dos sentidos em libações que nada têm de comum com as normas cristãs.

Mas os planos da viagem para fora da Terra não são na base de mero prazer. É certo que a ciência às vêzes persegue uma idéia ou pensamento até desvendá-lo sem mesmo ter inicialmente imaginado qual será o resultado prático daquilo. Mas no caso presente estão envolvidos bilhões e uma equipe de homens os mais ilustres. Que se pretende com tanta inversão de valores?

Disse o apóstolo São Tiago que o ouro e a prata darão "testemunho contra" e comerão a carne "como fogo", daqueles que os desbaratam e os empregam indevidamente, sejam indivíduos ou nações. Aí estão a mendicância, a orfandade, a juventude desamparada, a fome em muitos lares, o desconfôrto e as doenças a atestarem que não se acabaram as tarefas terrenas para que se permita a insensatez de entregar ao delírio de uma ilusão bilhões e bilhões do ouro que pertence a Deus.

Está bem, mas o homem bateu pé e a despeito de tudo quer ir à Lua, a Marte, a Vênus. Imaginemos que lhe venha uma voz do Céu e o interrogue:

— Homem, qual é a tua missão junto ao espaço sideral?

— Vou levar para lá a minha *civilização*, responderia.

E teria dito tudo e o bastante. O homem deseja que seu conceito de civilização transponha os limites dêste globo. Almeja estender para a Lua e planêtas seu modo de viver; suas divergências, seus corpos doentios, seus pecaminosos pensamentos, seu ódio, inveja, cobiça; enfim, isto que aqui existe de mau e ruim e infelicita a vida e desagrega a família humana. E que diríamos dos dramas que a existência de minérios raros haveria de provocar, a exemplo de paragens outras aqui da Terra, onde abundam preciosidades subterrâneas? Não resta dúvida que neste sentido o homem levaria para a Lua todo um acêrvo de experimentações e faria daquilo lá uma perfeita cópia do que êle há tornado isto aqui.

O espírito audaz e a sedução pelo ouro foram as molas impelentes de muitas descobertas e façanhas de bandeirantes e navegadores. É possível que algo semelhante se pense hoje no tocante às viagens inter-planetárias, visto que sùbitamente se estejam apressando

tanto os preparativos. Hoje há sêde de minérios raros e as investigações científicas estão permeadas de sucessivas solicitações visando sempre um passo mais além; e é êsse "além" que está impulsionando o homem de ciência moderno. Já se ultrapassou a barreira do som; outras mais difíceis aguardam a investida.

Outro pormenor interessante relacionado com a pretendida viagem à Lua é proporcionado pelo confronto com determinados aspectos da fé cristã. É provável que esta venha a ser minada pela dúvida em face do poder que a ciência está adquirindo e resulte disto quem sabe uma revisão com o fim de estabelecer harmonia entre certos dogmas e as pretensões da ciência. Um vislumbre desta possibilidade já se tornou público com a desconcertante declaração de um teólogo, doutor da Universidade Pontifícia Gregoriana de Roma, quando disse ser "possível que certos viajantes inter-planetários que estejam em estado de graça, possam ir ao Paraíso sem passar pela morte".

É de estarrecer! Que coisa ridícula essa do homem chegar ao Céu num veículo, talvez businando para que lhe abram as portas ou radiografando para que lhe dêem "pista"! Tal conjetura é contrária à razão e não se harmoniza com ensinos bíblicos, como o demonstraremos mais adiante. A suposição do referido doutor em teologia corrobora o que afirmamos acima e mostra que a religião tende a curvar-se perante a ciência. Teríamos assim um nôvo deus — o deus-ciência — poderoso em obras e feitos, capaz de levar o homem ao paraíso.

Frank Lewis Marsh, em seus *Estudos Sôbre o Criacionismo,* diz: "Ante a ciência uma porcentagem surpreendentemente grande de pessoas civilizadas ajoelham-se em atitude de adoração". E o mesmo autor cita a seguinte declaração de James M. Yard, feita quando era diretor espiritual da Northwestern University: "Os professôres do colégio puseram o sobrenatural no museu das relíquias históricas. Êle pouco importa ao seu modo de pensar. A ciência tomou o lugar de Deus. Pode ser que penseis que estas coisas sòmente acontecem na Rússia. A única diferença real, suponho, é que os russos proclamam abertamente que êles apagaram o sobrenatural e entronizaram a ciência. Nós não alardeamos isto aqui na América, mas a ciência é o nosso Deus e o método científico é o Seu sumo sacerdote. . . . Que a moralidade é baseada na ciência e não na autoridade sobrenatural é uma nova idéia para muitos clérigos". (Páginas 188 e 189.)

Podemos admitir uma dose de exagêro nessa declaração do Dr. Yard, como, aliás, concordou Marsh, mas não podemos negar que, em tese, expressa o rumo dos sentimentos que, evidentemente, cada dia mais se acentuam. Em nosso país, a um dos nossos mais destacados homens de ciência perguntou-se se cria em Deus. A resposta veio pronta: "Isso não importa. O cientista deve agir como se Deus não existisse".

É da pena de Ellen G. White a expressão: "Vivemos rodeados de uma atmosfera de satânico encantamento". Êste é o melhor diagnóstico que conheço sôbre o mundo atual. Não pode haver outra explicação para tantos desatinos que se vêm acumulando e multiplicando, ùltimamente.

À semelhança do mar que quando se agita requer ao leme um experimentado pilôto, carece nossa época de homens que possam suportar o entrechoque de idéias e interêsses e sejam fiéis porta-vozes de Deus, clamando para que se não avancem os limites. O mundo atual reclama homens assim, que se deixem guiar por Deus, num sentido mais objetivo e perene. Homens que, como Salomão, sintam-se pequenos em meio às grandiosidades e conquistas da ciência. Porque as culminâncias do saber, os interêsses de tôda sorte, a falta de virtude e vigor religiosos, estão influindo em atos e fatos

da vida, possìvelmente os mais marcantes e em tôrno dos quais gravitam os outros.

A doutrina cristã isenta dos enxertos que bebeu nos séculos em que o cristianismo iniciou uma convivência pacífica com o paganismo romano, notadamente a partir do quarto século, não dá lugar a que se pense em planos como êsse de sair da Terra por meios mecânicos, em explorações aventureiras pelo espaço sideral, vasculhando de perto o que hoje só se vê pelo telescópio, e pretender chegar ao paraíso.

Dispondo as coisas em têrmos de fé cristã, podemos enumerar os seguintes pontos que, por seu conteúdo, depõem contra as pretendidas viagens interplanetárias:

1º. — Está prometido que os remidos serão um dia trasladados da Terra para o Paraíso de Deus. A segunda vinda de Jesus é para efetivar tal promessa. Êle disse: "Virei outra vez, e vos levarei ...". Ninguém irá antes, portanto; está bem definido que a ida depende da vinda do Senhor Jesus. Ir antes, e mais ainda por meios mecânicos, equivale a dispensar a promessa de Jesus; e, realmente, não haveria necessidade da Sua vinda, pois se dispunha de recursos para fazer a viagem interplanetária por conta própria e quando bem se entendesse.

2º. — Será uma ascensão conjunta dos justos. Os vivos serão transformados e os mortos ressuscitados. I Tessalonicenses, capítulo 4, versos 16 e 17; e I Coríntios, capítulo 15, versos 40 a 58. O apóstolo é muito objetivo na descrição que faz do processo da ascensão dos salvos para o Paraíso de Deus. Fala da transformação física pela qual hão de passar os justos, o que significa não terem nossos corpos agora condições para suportar ambientes extra-terrenos. O homem pode aperfeiçoar meios mecânicos e técnicos e chegar a grandes altitudes, mas não poderá alterar sua contextura orgânica para viver fora das limitações que seu corpo terreno lhe impõe. Ora, sendo que sòmente Deus é que há de operar tais maravilhas (transformação e trasladação), e por isso mesmo é que Jesus há de vir para executá-lo, é bom que o homem medite mais em suas insuficiências e refreie seus ilusórios impulsos.

Em face do exposto, está reservada aos salvos uma viagem interplanetária. Jesus há de vir para levar os salvos em viagem pelo espaço sideral; subirão transformados, através do azul infinito, para além dos planêtas e sóis sem conta, até à glória, até ao Paraíso de Deus.

Naturalmente, êsse plano de Deus não se ajusta aos moldes da tecnologia moderna; também não está de dependência de tôrres de lançamento nem de foguetes. Não carece de verbas orçamentárias nem de prévias sondagens das camadas superiores da atmosfera; nem serão necessárias vestes especiais e instrumentos para proteger o corpo contra as alterações causadas pela mudança de altitudes. Não serão enclausurados em cápsula alguma, com aparência de bicho estranho, entre temerosos e surpresos, e "empurrados" aventureiramente rumo ao vazio. Êles ascenderão na companhia do Senhor Jesus, à semelhança de como Êle o fêz do Monte das Oliveiras, revestidos de gloriosa aparência, corpórea e livremente. É bastante saber-se que isto é um plano de Deus para que tenha a garantia de concretização real e literal e o êxito absoluto. A promessa é de Deus e tudo que diz respeito à sua execução está afeto a Êle. Hoje quando viajamos de avião não nos preocupamos com os dados técnicos e com as providên-

cias para alçar vôo e chegar-se ao ponto de destino. Isto está confiado à companhia. E temos confiança em que o cumpram, tanto que nos sentamos no avião, cômoda e pacientemente, sem maiores preocupações quanto a detalhes técnicos.

Resta-nos ter confiança em Deus e aceitar Seus planos como reais. Descrer é próprio do coração humano, mas não altera uma letra naquilo que está planejado pelo Criador. O descrer é um sentimento que o tempo pode desfazer e transformar em sólida convicção, dependendo da disposição da vontade e do espírito, a fim de poder assimilar as promessas divinas. A descrença é problema sério e perigoso, mas sòmente para quem a tem; não afeta os planos de Deus. Porém, o contrapor-se a êsses planos e pretender criar um meio para alçar vôo antes do tempo é ousadia temerária e ofensiva a Deus.

No passado foi o paganismo que com todo o seu poder e inteligência influiu na doutrina cristã, hoje é a ciência que inspira novas idéias à teologia. A palavra segura, convincente e ousada da ciência moderna faz tremer uma teologia que se enfraqueceu com os enxertos recebidos e se encontra um tanto deslocada de certos pontos básicos da era apostólica. As próprias alterações feitas em certos aspectos das doutrinas bíblicas, especialmente no tocante ao estado dos mortos e à recompensa dos justos, transformaram-se em tropêço e estão sendo postas em xeque pelas pretensões da ciência. Mas a verdade é que a ciência só poderá destruir o lado humano da teologia, isto é, aquilo que o homem nela introduziu por sua própria vontade, premido por fatôres históricos ou em decorrência de pretensões.

No passado o ponto saliente de controvérsias entre a ciência e a religião relacionava-se com as origens. A diferença de opinião de numerosos cientistas em face

ao exposto no livro do Gênesis quanto às origens, levou a muitos dêles a reputarem a Bíblia como um livro de fábulas. Acharam-na fora de atualidade, anticientífica, mas apenas porque ela divergia de suas opiniões. Hoje, religião e ciência outra vez se defrontam em vista das pretensões que se desejam atribuir às futuras naves espaciais. Mas a verdade é que a ciência e a religião são duas realidades que existem em níveis completamente separados e, por isso, entre elas não pode haver conflito. O indispensável é que cada uma permaneça em seus limites. A ciência apoia-se em fatos e é seu propósito desenvolver o conhecimento dos mesmos; a religião, porém, se apoia na fé, que tem sua base nas promessas da Bíblia e estas, por sua vez, são irremovíveis e não podem ser alteradas por coisa alguma. São uma estrutura inabalável.

Muitas vêzes surgiram idéias que céticos receberam com ares festivos e risos de vitória na suposição de que elas podiam destruir o relatório bíblico; mas o tempo depois provou sua falácia ou embuste. Ajustam-se aqui muitas teorias evolucionistas, rotuladas de ciência, que no fim produziram amargo desapontamento aos que as professaram. Fatos aparentes não têm fôrça para projetar-se para o futuro e formar uma linha de oposição ao relatório bíblico. O futuro sempre deu ganho de causa à Bíblia como um Livro de Deus, sempre que estiveram em jôgo fatôres dos arraiais da fé.

Vem a propósito um caso que se deu na última grande guerra, quando os exércitos hitleristas levavam tudo de vencida e o cetro do domínio mundial parecia ir parar nas mãos de Hitler. No continente europeu a guerra estava, pode-se dizer, pràticamente liquidada com a retirada das últimas tropas derrotadas, para a Inglaterra. O poderio germânico estendia seu cinturão em tôrno da Europa e o nazismo se aprestava para apoderar-se das últimas prêsas. A sorte estava

aparentemente lançada e a Alemanha já cantava vitória. Pois bem, justamente nessa ocasião o *Signs of the Times*, de Mountain View, Califórnia, publicou um artigo de um ministro adventista, baseado na profecia do capítulo dois do livro do profeta Daniel, no qual afirmou que Hitler não dominaria a Europa nem o mundo. Disse: "Não o conseguirá porque a Palavra de Deus a isso se opõe". Anos depois, quando as fôrças aliadas dominavam o conflito e a Alemanha estava às portas da derrota, foi relembrado o referido artigo e a conclusão foi que o *Signs of the Times* tinha razão.

Isso é fé e confiança na Bíblia, mesmo em face de aparências que indiquem que vai suceder o oposto. Naquela oportunidade não pensou o referido ministro evangélico em sugerir outra interpretação ao texto profético, temendo o poderio nazista; êle não titubeou, embora os acontecimentos favorecessem uma opinião pró-vitória alemã; êle se apegou ao texto bíblico, desprezou as aparências e afirmou categòricamente que Hitler não venceria. Seu apoio foi apenas um detalhe bíblico profético, se bem ignorasse como as coisas haveriam de processar-se. E tudo se deu como argumentara em seu artigo.

As vacilações provocadas pelo temor de uma arrancada científica que venha atingir os arraiais da fé cristã, são frutos do meio ambiente em que são geradas. O fruto não cai longe da árvore; igualmente a água tem a côr da fonte de origem. Muitas fontes de doutrinação religiosa estão hoje contaminadas por ervas daninhas que cresceram ao seu redor. Faz-se mister uma revisão e o retôrno à fonte de origem. A Bíblia, reveladora que é de Jesus Cristo, é essa fonte de água pura de que se carece, capaz de purificar a própria fé

pessoal e expurgar os equívocos. Beba-se, pois, dessa água cristalina; ela é diferente, é de Deus. Permita-se-lhe impregnar os recessos da alma e os escaninhos do coração. Deixe-se que ela promova o revigoramento necessário, dotando a vida de um cristianismo salutar, atuante e santificador. Só assim é possível então estar-se abrigado de idéias exdrúxulas, apanágio crepuscular de uma civilização que se deixa sucumbir.

O mais importante de tudo quanto o futuro nos reserva é a promessa de Deus de uma viagem interplanetária, a qual dar-se-á a seu tempo, e feliz será aquêle que dela não se alhear, tomando imediato interêsse no sentido de ser um dos participantes.

O que se pretende hoje na base dos foguetes modernos equivale ao lançamento de uma cortina de fumaça para interpor-se a uma realidade, no caso aquilo que está prometido por Deus. Significa criar um paralelismo fazendo uso de suposições para desviar a atenção do certo e real que está para acontecer. Deus não mudou Seus planos; porém, o poder do mal não tem interêsse na sua execução nem em que dêle participem os filhos de Deus.

O resumo dos extraordinários acontecimentos que se darão no momento em que Jesus Cristo aparecer no céu, em Sua segunda vinda, é assim descrito pelo apóstolo São Paulo: "Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados ... e seremos arrebatados juntamente com êles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor" — Epístolas aos Coríntios (Primeira), capítulo 15, verso 52 e aos Tessalonicenses (Primeira), capítulo 4, verso 17.

Essa é a viagem interplanetária prometida por Deus. Tem a garantia e a infalibilidade das coisas prometidas por Deus. Uns hão de participar dêsse evento glorioso; outros, serão recusados. De que lado estaremos nós? A resposta, que é de ordem pessoal e implica exame de consciência, deve preocupar a cada um individualmente.

Os Tripulantes dos "Discos" e Sua Missão

OS únicos "discos voadores" que vi até hoje foram os estampados em jornais e revistas. Mas há testemunhas insuspeitas que afirmam tê-los visto; e provêm de diferentes países e revestem-se de circunstâncias que não admitem dúvidas. Fontes responsáveis denominam êsses "discos" de objetos não identificados. Há muita fantasia e descrições mirabolantes envolvendo pacatos cidadãos e os famosos "discos", e pode também haver muita fraude fotográfica. Mas isto não invalida os relatos criteriosos e de pessoas insuspeitas, inclusive aviadores civis e militares. Podem-se, pois, aceitar como verídicos êsses "objetos não identificados". Mas isto não resolve nada e pouco adianta. O que se anseia é decifrar o mistério que os cerca, saber quem são, de onde procedem e o que desejam aqui.

Fontes oficiais não têm opinado, e fazem bem. Por que dar palpite sôbre um fenômeno não definido, algo furtivo e que tem tôdas as características de um ardil? Mas há pessoas que se impacientam e se afoitam em pronunciamentos. Em geral são professos de credos filosóficos e as idéias seguem as linhas do que crêem, operando o entrosamento do fenômeno com seu credo. Um dêles se esforçou tanto para provar a procedência dos "discos" que até levantou a possibilidade de que venham da lendária Atlântida. Alguns dizem ter viajado nos "discos", a convite, chegando a ir muito longe por aí e até a *sair* da órbita da Terra.

Há quem defenda a idéia de que os "discos" estão em missão de paz e que um belo dia seus tripulantes farão uma aterrissagem em massa para um contato pacífico e doutrinador, ensinando ao homem a maneira de conseguir a paz, pela qual tanto luta e que não alcança. Êles seriam assim portadores de uma fórmula eficaz e *sui-generis* e ajudariam as nações a pô-la em prática. Então, quando tudo estivesse novamente nos devidos eixos, com as diferentes facetas das atividades da raça humana funcionando como se fôsse uma grande e unida família, sem mais fronteiras ou prevenções raciais ou ideológicas, catequizados, enfim, nos mais apurados moldes da supercivilização do planêta dos "discos", então êles se retirariam. Levariam a gratidão da raça humana pelos brilhantes ensinamentos dados e deixariam saudades.

Assim conjeturam muitos, pretendendo ser o mais provável que se vá dar.

Não temos em mão elementos que nos permitam dizer com segurança *o que são* os "discos" e o que desejam seus tripulantes; porém podemos expor uma série de argumentos que indicam o que êles *não são*. Naturalmente não podemos decifrar o enigma apelando para a ciência; mas se nos dirigirmos para as crenças filosóficas ficaremos desapontados, pois veremos o mistério ampliado e com mais riqueza de detalhes. Que fazer, então?

Lembro-me do que ocorrera com alguns magos orientais, amantes da astronomia, quando, certa noite, viram no céu, ao longe, uma luz misteriosa e bela. Olharam-na, surpresos e curiosos, por algum tempo e, súbito, notaram que se desvanecia para, em seguida, transformar-se numa luminosa estrêla. Habituados com as noites estreladas e seu estudo, não lhes foi difícil verificar que aquela não era uma estrêla fixa nem também um planêta, o que mais lhes aguçou o interêsse. De

imediato tiveram a impressão que essa estrêla tinha para êles algum significado especial. Dirigiram-se a sacerdotes e filósofos, consultando-os, mas sem resultado satisfatório. Voltaram-se então para uma fonte de informação que lhes pareceu digna de fé — os rolos dos antigos registos dos profetas hebreus. Ali encontraram a profecia de Balaão, que dizia: "Uma estrêla procederá de Jacó e um cetro subirá de Israel". Acolheram com agrado tal revelação como vinda do Céu para êles e ei-los, depois, rumando para Jerusalém, seguindo a estrêla, levando régios presentes. E em Belém da Judéia encontraram a Jesus e viram a estrêla pela última vez.

Por que não fazer o mesmo com respeito aos fenômenos que estão surgindo e para os quais não se tem explicação digna de fé e nem se dispõem de elementos concretos que permitam um exame detido?

O exemplo dos magos orientais é digno de imitação, mormente sabendo-se que êles não foram desapontados e seu feito passou à história e está intimamente ligado ao nascimento de Jesus. E aquêles mesmos rolos que os magos desdobraram, em busca de uma resposta de Deus para aquilo que os preocupava, ainda hoje estão ao alcance de qualquer pessoa, traduzidos em mais de mil línguas e dialetos, em modernas encadernações, e são parte integrante do que hoje conhecemos com o nome de Bíblia.

As campanhas que foram movidas em séculos passados contra a Bíblia, especialmente a partir do século dezesseis, são responsáveis pelo clima de aversão que se formara contra o Livro de Deus e a conseqüente ignorância do seu conteúdo. O cristianismo viveu muitos séculos sem a Bíblia e grande maioria de cristãos ainda a ignora hoje. Mas a Bíblia passou vitoriosa por aquêle período de perseguições e lutas religiosas e hoje, felizmente, acha-se à venda livremente, mesmo em

livrarias, e existem várias traduções, tanto de fontes católicas romanas como das chamadas protestantes. Mas tôdas contêm os mesmos livros sagrados. Tradutores e impressores podem variar, mas o Autor é sempre o mesmo e, por isso, o conteúdo não sofre em sua estrutura canônica.

Certa vez um cidadão entrou nos escritórios da Standard Oil em New Jersey e prontificou-se a descobrir petróleo no Oriente. Perguntaram-lhe como sabia da existência de petróleo nessa zona. Sua resposta foi que a Bíblia o indicava. Deram-lhe vinte e cinco mil dólares e ... o petróleo jorrou.

Talvez mais expressivas sejam as conquistas do Estado de Israel, por serem mais recentes e de mais amplo conhecimento público, conseguidas como resultado das indicações bíblicas. Os israelitas têm feito verdadeiros milagres na diminuta faixa de terra que lhes foi concedida após a última grande guerra e da qual resultou a criação do Estado de Israel. O moderno Israel está prosperando e buscando resolver muitos dos seus problemas com soluções que lhes são reveladas pelas páginas eternas das Sagradas Escrituras. Seus técnicos estão sendo orientados pela Bíblia na pista do cobre, dos fosfatos, do ferro e do petróleo, bem como em culturas que se julgavam impróprias às condições climáticas da região, como o linho, por exemplo. E as explorações estão alcançando completo êxito. Uma uzina de ferro já foi construída perto do pôrto de Acre e na extremidade sul de Negev, nas proximidades do pôrto de Eilat, estão trabalhando febrilmente para reabrir as famosas minas do rei Salomão. É maravilhoso, não resta dúvida, o que o moderno povo de Israel está fazendo e é sumamente expressivo saber-se que seus renomados técnicos e cientistas seguem de preferência as descrições bíblicas, às modernas conquistas da ciência.

Tudo isso é grandioso e belo, porém não foi para que

hoje se descobrissem as riquezas do sub-solo que Deus inspirou Seus profetas na feitura do Livro dos livros. Tais detalhes são como os sinais digitais no ser humano. Servem para autenticar o todo e dar certeza e imprimir confiança.

O propósito de Deus é que as Sagradas páginas guiem o homem numa jornada idêntica à dos magos orientais, em direção a Cristo Rei, levando-Lhe como oferenda um coração humilde e submisso.

As significativas vitórias do Estado de Israel merecem destaque e devem ser salientadas como exemplo assaz eloqüente do que pode advir tendo a Bíblia como norma e guia. Outros povos andaram por aquelas paragens antes de estabelecer-se o Estado de Israel e nada conseguiram. Veio Israel com a Bíblia na mão e operou-se o milagre. Êste feito merece que se saúde a Israel e se lhe tire o chapéu com respeito. Como oráculo divino que Israel foi, berço de patriarcas e profetas, seio da linhagem de Davi que nos lembra Judá e Maria, a virgem, são ainda uma vez usados por Deus para dar ao mundo um testemunho insofismável de que Moisés, Josué, Salomão, Isaías, Daniel e tantos outros profetas, falaram e escreveram por inspiração de Deus. Foi uma contribuição preciosa que o Estado de Israel trouxe em favor das Sagradas Letras.

E voltando aos "discos" e seus tripulantes, por que vagar a mercê de suposições e conjeturas ou buscar nos alfarrábios filosóficos a explicação ou definição do mistério, quando se tem a Palavra de Deus ao alcance da mão? Acompanhe-nos o leitor na excursão que vamos fazer a seguir e afiramos os palpites existentes com o Livro sagrado.

1º. — *Argumenta-se*: *A Missão dos "Discos" é de Paz.*

Pela Bíblia só se conhece um plano de paz para o ser

humano. O plano de salvação que data desde o Éden é um plano exclusivamente de paz e boa vontade para com os homens. As Sagradas Escrituras revelam a Jesus Cristo e O chamam de "Príncipe da Paz". Êle próprio disse: "Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância"; "Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou"; "Aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para as vossas almas"; "Sem Mim nada podeis fazer".

Tôda a história bíblica gira em tôrno de Jesus Cristo como enviado de Deus em missão de paz e salvação. Os escritos dos profetas do Velho Testamento tiveram tal escopo; os sermões dos evangelhos seguem a mesma linha e, posteriormente, os apóstolos e discípulos disseram a mesma coisa em suas campanhas de evangelização. Jesus como Salvador é tema secular não revogado. Nada substituirá Sua bendita missão de paz e boa vontade nem será transferida a outrem. Isto é ponto expresso e claro nas Escrituras. Por que, pois, transferirmos por conta própria esta prerrogativa aos "discos"? Dê-se preferência a Jesus Cristo que é um ser real e histórico; é Filho de Deus e Sua mensagem não tem segredos nem mistérios e está ao alcance de todos, para estudo e meditação.

2º. — *Argumenta-se: Os "Discos" Trazem uma Fórmula Diferente.*

O que o mundo precisa para viver em paz não é de uma fórmula moderna, mas de pôr em prática a que Deus deu. Disse São João: "E o Seu mandamento é êste: que creiamos no nome de Seu Filho Jesus Cristo e nos amemos uns aos outros, segundo o Seu mandamento."

O decálogo divino, que compreende o amor a Deus e ao próximo, reúne tudo o que se precisa para regular

os múltiplos aspectos das relações humanas, tanto no sentido material como no espiritual. É uma lei concisa, singela na feitura, mas completa.

Não se tenha, pois, a ilusão de que virá um nôvo mandamento e de que os "discos" serão seus portadores. Cumpram-se os dez dados por Deus e a vida sorrirá diferente.

Verifica-se, pois, que a Bíblia fulmina os conceitos de paz que se pretende atribuir aos "discos". E pelo exposto no quarto capítulo, fica afastada também a suposição de que os "discos" tenham pretensões agressivas ou de domínio sôbre a raça humana.

Mas quem são êles e de onde vêm?

Podemos dizer que as descrições que têm vindo a público com respeito aos "discos" e sôbre o comportamento de seus misteriosos tripulantes, não se harmonizam com os métodos que Deus sempre usou para fazer sentir aos homens a Sua vontade. A Bíblia contém muitas descrições, que passaram à história, de cidades e povos que foram advertidos ou visitados com juízos do Céu, nas quais se nota a atuação direta e clara do servo de Deus para tal fim escolhido. São os casos, por exemplo, de Noé, pregando o dilúvio; de Ló, advertindo Sodoma e Gomorra; de Jonas em Nínive; de João Batista como precursor de Jesus; etc.

Portanto, podemos ter a certeza de que os "discos" não são portadores de mensagens de Deus nem trazem plano algum do Céu ou de algum planêta para a Terra. Não sendo de Deus, podem ter origem espúria, ilusória, química ou diabólica. O futuro o dirá.

Estão preditos nas Sagradas Escrituras sinais, prodígios e maravilhas para o tempo que precederia a segunda vinda de Jesus. Serão fenômenos nunca dantes vistos e que visarão atrair a opinião pública, causar estupefação, confundir a fé e estabelecer controvérsia. Não podemos afirmar que os famosos "discos" e seus

pretensos tripulantes façam parte dos sinais profetizados para êste tempo; porém que muitos aspectos do que temos lido sôbre os mesmos se enquadrem naquelas predições não resta dúvida que sim. E até que tenham melhores "credenciais", é preferível não lhes dar maior importância e transferir o interêsse que êles provocaram para coisas mais reais, especialmente para aquelas que denotam que o mundo se aproxima da segunda vinda de Jesus.

A Era dos Satélites Forçará a Paz ou Precipitará a Guerra?

NÃO se pode negar que tem havido esforços decididos e sinceros para conseguir uma solução adequada que dê ao mundo a paz que tanto anseia e que há anos vem sendo o objetivo de seus mais acalentados sonhos. A primeira vez que o plano de uma paz duradoura de âmbito mundial interessou as nações, foi após o conflito conhecido como a primeira grande guerra. O organismo internacional que então se fundou e os convênios bilaterais que muitas potências firmaram, eram algo nôvo e empolgante e com uma estrutura que não permitia qualquer dúvida quanto a um êxito certo e perene.

É verdade que tudo isso foi planejado e executado sob a pressão emocional da guerra que se findara, quando as nações de ambos os lados ainda sentiam dores profundas e ostentavam cicatrizes mal saradas da peleja que fôra cruel. Por certo que essa atmosfera propiciou o ambiente que gerou a tradicional pomba branca da paz. Era um impulso movido pelas circunstâncias. Fôra a droga que se achou mais à mão e que se julgou podia salvar o doente — o velho mundo ferido pela guerra.

Mas aconteceu o que costuma dar-se com o doente humano: sentindo-se curado, as prescrições foram abandonadas e como conseqüência sobreveio tremenda recaída com sérias e variadas complicações. Era outra guerra que surgia, mais abarcante e complexa. Pare-

cia que se estava chegando ao fim de tudo. Um dos contendores estudava febrilmente a desintegração do átomo e, entre ousado e temeroso, exclamara: se eu cair, o mundo cairá comigo!

E o que se sabe é que todos chegaram ao fim aos frangalhos. Caíram para um lado os vencidos e, para o outro, exaustos, os vencedores. Também, setenta e dois milhões de mortos não é brincadeira!

E novamente as dores ensinaram o doente a gemer. E a idéia que logo surgiu foi que se devia repetir o *remédio* que fôra abandonado. E a história se repetiu, com outros nomes e outros personagens em cena. Surgia a O. N. U., com mais amplitude e com estatutos melhor elaborados. E a expressão: Nações Unidas, foi a nova partitura que encheu o mundo de novos e doces acordes e transformou as lágrimas de milhões de órfãos e viúvas em róseas pétalas de esperança.

E o mundo, como bola que é, continuou rolando, rolando sempre ... até chegar aos nossos dias, para apresentar um quadro quase idêntico ao dos dias de 1939.

Os sintomas se repetem, os atritos se multiplicam e os preparativos bélicos chegam ao auge. Quase custa crer estar-se novamente na iminência de um nôvo conflito mundial, dadas as divergências imperantes e a complexidade de problemas que se estão criando. Quando a última luva branca fôr rasgada, os canhões procurarão *resolver* os problemas que a paz não deslindou.

Mas, pergunta o homem da rua, por que essa gente não se acerta e decide viver em paz, banindo de vez a guerra?

Esta pergunta provoca uma série de considerações como resposta. Mas creio que podemos condensá-las em poucas palavras, dizendo que o motivo é a falta de base essencial ou seja a confiança recíproca. Por melhores que sejam as intenções dos estadistas e apesar de disporem de um bem elaborado organismo técnico,

tudo isto resultará nulo se tiver a conspirar a falta de confiança. O Oriente não confia no Ocidente e alimenta pretensões e as acompanha com atitudes que deixam as democracias ocidentais em guarda e num constante estado de alerta. Hoje a situação é tão tensa que não se sabe qual será o próximo passo, quem vai dá-lo e em que direção. Está-se à espreita. O Oriente vigia os movimentos do Ocidente e êste os daquele. Questões de ordem econômica e campanhas nacionalistas são tições que estão sendo jogados já acesos à fogueira e que talvez venham precipitar a fervura do caldeirão.

O ódio é um mal que se apossou do coração humano e que cada dia estende mais seus tentáculos e aprofunda raízes. Se desejarmos analisar o ódio como um fenômeno de caráter mundial, como o vírus insinuante e subtil da época, causa precípua de todos os males, com o fim de chegar a uma conclusão convincente, sugiro que se reduza o âmbito de sua ação. Escolha-se então, em vez do mundo, um país; e que se verá ali? Notar-se-ão os próprios irmãos a se degladiarem, excedendo-se na manifestação de suas preferências ou na exteriorização de suas paixões. De quanto ato de ódio, de falta de confiança, de desejo de imposição de uma idéia, estão impregnadas suas pendências e defesa de opiniões! Se dentro do nosso próprio país por questões de limites entre dois Estados chega-se a mobilizar fôrças e a criar-se um ambiente de guerra, que se pode esperar quando entram em jôgo bandeiras pátrias, ideologias, e mil e um fatôres da política internacional? E se para o que está aqui dentro não se equaciona uma solução definitiva e pronta, é fácil concluirmos que as questões internacionais, por sua complexidade, sejam de muito mais difícil ajuste.

Não faz muito, conceituada revista carioca trouxe a fotografia de um frasco de laboratório contendo dois corações de homens públicos que, em vida, se odiaram

e morreram em disputas políticas. Por motivo de inquéritos, êsses corações foram conservados e, coincidentemente, reunidos num mesmo frasco. É paradoxal! unidos após a morte por fôrça das conseqüências do próprio ódio que os dividia!

É claro, pois, que as nações sofrem do mesmo mal que os indivíduos. Não se harmonizam e não afastam o espectro da guerra porque para tanto lhes falta o clima propício; carecem, como dissemos, da necessária base, a confiança recíproca.

A Lei do Mais Forte

Como conseqüência imediata do clima de desconfiança que persiste entre as maiores potências e temendo-se que de inimigo em potencial possa surgir um ataque de surprêsa, a solução tem sido recorrer-se ao preparo bélico, usando tôdas as possibilidades modernas e os recursos máximos que os orçamentos permitam. Busca-se neste sentido alcançar o mais elevado grau de eficiência e poderio que seja possível. É interessante observar que tem havido até um certo interêsse em não encobrir o que se está fazendo e o que se possui, salvo, é lógico, detalhes de caráter secreto. E isto para que o inimigo encoberto saiba que se está forte e em condições de luta.

Dêste modo, a lei do mais forte novamente provocou outra corrida armamentista e, como sempre, ninguém deseja ficar em inferioridade. Cria-se, assim, um clima de intimidação por meio de ostensivo aparato bélico. Não foi isto o que possìvelmente pretendeu Moscou nas festas do 40°. aniversário da revolução russa, quando fêz desfilar pela primeira vez os famosos foguetes de três estágios?

A despeito de manterem as principais potências democráticas relações diplomáticas e de comércio com o

setor soviético, isto não influi no teor da linguagem que está sendo usada pùblicamente, por vêzes até de franco desafio e ameaça. É mais um dos contra-sensos da época atual e se assemelha muito a casal que se apresenta de braço dado em reuniões sociais, mas que vive em quartos separados.

E com isto a guerra vai sendo protelada pelo próprio temor que ela infunde. E neste intervalo, as aparências vão sendo mantidas por setores que se incumbem de tecer uma auréola de paz e segurança. Não obstante, já se sabe qual será o provável caráter da guerra do futuro. Os foguetes teleguiados estão tendo especial preferência. A artilharia poderá transformar-se muito breve em objeto de museu. Os países lutarão sem sair de suas fronteiras, de vez que serão postos em prática métodos novos e revolucionários, jamais usados em guerras passadas. Aos aviões estratosféricos e aos foguetes caberão os principais papéis no drama que se está ensaiando. Êles estão sendo planejados e construídos para serem portadores de bombas atômicas e de hidrogênio ou talvez do pouco falado Gás-G, em missões que podem ter qualquer ponto do globo como alvo.

Êste provável aspecto da guerra do futuro é uma decorrência da era dos satélites que se iniciou há pouco. A altura em que êles têm sido lançados forneceram o teste que permite pensar o que poderá ocorrer quando a inclinação do foguete tiver alguns graus a mais e em vez de um satélite levar uma bomba de hidrogênio em seu bôjo. A luta será através do espaço e a morte surgirá de improviso dentre as nuvens.

Virá um Acôrdo?

Não tem sido, felizmente, desprezada a idéia de chegar-se a um acôrdo. Muitas reuniões têm sido celebradas com êste bom propósito e outras estão sendo su-

geridas. Mas ninguém deseja pedi-lo em têrmos humilhantes ou que denotem temer o antagonista. Não se sabe também em que bases poderia ser feito um acôrdo para uma convivência pacífica; porém há pelo menos o consenso comum de que algo se deve fazer para aliviar a tensão mundial que a corrida armamentista está provocando.

De fato o mundo respira em ambiente asfixiante. Precisa mudar ou vai pelos ares.

Outro aspecto que pode determinar um acôrdo é o econômico. De fato, pergunta-se: por quanto tempo ainda poderão as nações suportar o tremendo pêso dos gastos? E sendo que os orçamentos das nações têm por base o que provém dos contribuintes, surge então outra pergunta muito séria: Se êste estado de coisas se prolongar indefinidamente, poderão os contribuintes suportar os constantes agravos a que estão sujeitos sem sentir seus efeitos na manutenção da vida?

É possível, portanto, esperar-se que as circunstâncias forcem um acôrdo, uma pausa preliminar para melhores reflexões e afrouxamento dos nervos.

Por outro lado, pode também acontecer ter-se chegado a uma progressão tal que a guerra seja precipitada a cada momento. Se as nações do Oriente e Ocidente cederem e assinarem um *modus vivendi* pacífico, é porque terão chegado à exaustão e não suportaram mais o pêso da tensão e dos encargos.

Quem dera as potências que têm a maior responsabilidade pela paz do mundo pudessem chegar a um acôrdo e surpreendessem até a própria O. N. U. com uma declaração leal, expressando a boa vontade de viverem em paz! Já que é impraticável o desmonte da máquina belicosa, pelo menos que cedessem ao desarmamento do espírito e, assim desanuviados, lhes fôsse facultado pôr em prática no presente as lições que o passado escreveu com sangue e lágrimas.

Mas a triste verdade é que há muitos fatôres que são poderosos obstáculos à concretização de uma ação imediata, de vez que representam peças de contornos que não se ajustam ao quadro que se quer formar. Podemos resumir êstes fatôres nos seguintes pontos:

a) O fator ideológico oriental e o esfôrço feito para propagá-lo no Ocidente, que não o quer e o combate;

b) As complexas reivindicações de partes litigantes. Certas zonas do mapa-múndi são como uma velha colcha de retalhos: cose-se aqui, rasga-se lá adiante;

c) O extraordinário potencial bélico, difícil de ser ajustado a qualquer plano de redução;

d) O sentimento de mútua desconfiança entre o Oriente e o Ocidente, que cria incertezas e prevenções;

e) A prevalência do espírito de guerra e a existência de focos de luta armada; êstes localizados especialmente em áreas estratégicas ou de vital valor em reservas minerais. Um detalhe expressivo é que êstes focos de luta se localizam em países pequenos, alguns até muito pobres, o que aguça o interêsse dos mais fortes e ricos.

Como se depreende do exposto, as possibilidades inclinam-se mais para o lado negativo e não se afiguram como passíveis de alteração. A situação do mundo não nos anima a fagueiras ilusões, pois o ambiente que se formou e os exemplos do passado, sugerem que a era dos satélites apresenta-se mais propensa a precipitar a guerra do que forçar a paz.

Em última análise, o que está faltando para conter os impulsos guerreiros do homem é algo de pulso for-

te e capaz de fazer-se ouvir. Foi o que, aliás, também faltou no passado, em situações análogas à presente.

Mas o que significa êsse pulso forte e como devia êle operar?

A pergunta deve antes levar-nos a pensar no que já se fêz, na suposição de que fôsse o elemento controlador desejado e o mantenedor da paz. Isto feito, então desfila perante nossos olhos o longo cortêjo de providências que as próprias nações julgaram oportuno tomar e os fundamentos que com tanto carinho e boa vontade assentaram.

Quantos hinos se entoaram a essas auspiciosas providências e quanta esperança provocaram em milhões de lares enlutados pelas guerras!

E qual foi o efeito disto? Que resta dêsse risonho acervo se não amargas recordações, ódios renovados e algumas relíquias levadas para os museus!

É verdade que nos resta a O. N. U. e ela ainda aí está em pé. Mas talvez exista mais como um símbolo e como uma prova dos desmedidos esforços que têm sido feitos para o congraçamento das nações. Sua sede em Nova York é altaneira e sólida, mas seu equilíbrio como entidade está sendo mantido à custa de grandes esforços e com as precauções que fazem lembrar uma fábrica de pólvora.

Mas não se pense que os insucessos tenham decorrido de planos falhos, pois em geral êles têm sido feitos com zêlo e competência, podendo-se até mesmo considerá-los perfeitos. A prática no entanto é que não correspondeu e é a responsável pelos fracassos havidos. É justo que se reconheça que a tarefa tem sido grandiosa demais para o homem executá-la sòzinho, razão por que, nos momentos mais críticos, tudo tem falhado.

A existência e atuação das fôrças malignas é que operam a desagregação e aguçam o ódio. É um poder

oculto, mas real. Atua ardilosamente e com subtileza e sua ação é facilitada pela descrença ou ignorância de sua existência. Além de propiciar-lhe êste ambiente psicológico, o homem ainda se cerca de elementos materiais que dão ao poder do mal um vasto campo de atividades e a base para promover ações que resultem em contendas, guerras, perversidades e tôda a sorte de males.

Foi o caso do avião, por exemplo, que de invento maravilhoso, criado por Santos Dumont para o bem, transformou-se em poderosa arma de guerra.

É o caso dos satélites. Uma maravilha científica que se encaminha para planos que trarão inquietude e contendas.

O maligno vigia os passos do homem, perscruta-lhe as intenções e sonda-lhe as tendências. Sem Deus no coração e na vida, ninguém poderá resistir-lhe. Como disse o salmista Davi, "se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que edificam; se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela". Estas palavras de Davi seriam uma bela legenda para a nação, para o lar e para o indivíduo, mas no sentido de ser uma inspiração para atos da vida. Se no conjunto as nações não as tomam como norma para a conduta por motivos óbvios, bem fará aquêle que as tomar para si e seguir os princípios que encerram.

A direção de Deus na vida é, pois, o pulso forte que está faltando para que o mal seja sobrepujado e os impulsos guerreiros no homem sejam contidos.

A ilha Pitcairn, no Oceano Pacífico, talvez seja o lugar mais raro no mundo, onde todos os habitantes vivem como uma única família. Apesar de pertencer à Inglaterra e estar sob a proteção de suas leis, o povo de Pitcairn adotou os Dez Mandamentos da Lei de Deus como norma básica para todos, inclusive a guarda do sábado como dia de repouso e oração. O *Natio-*

nal Geographic Magazine, em reportagem publicada há tempos, descreveu os encantos da ilha, sua história tão emocionante e curiosa, e diz da felicidade que gozam os que ali moram. Ativos, corajosos, trabalhadores, piedosos, sem vícios de espécie alguma, são um exemplo vivo de que é possível viver em paz e no cultivo de elevados princípios, se para tanto se tiver — como os da ilha de Pitcairn têm — ao leme da nau da vida o pulso forte da direção de Deus.

A era dos satélites, repetimos, tende mais a precipitar a guerra de que muito se fala do que promover a paz; mas pode também determinar um breve período de espera, que poderá ser semelhante a quem se encontre à espreita dentro do silêncio da noite e coberto por seu pesado manto de trevas. Mas em Deus há um lugar seguro para enfrentar o futuro com confiança e uma vereda de luz e felicidade para quem o deseje. Esta hora explosiva em que vivemos sugere que é alto tempo de pensar-se mais em Deus.

Ineficácia Política e Insuficiência Religiosa

ARGUMENTÁMOS em capítulos anteriores que não vai ser possível um ajuste nas divergências que separam muitas nações e, assim, tornar viável uma convivência de pacificação real e sem reservas. Lembrámos inúmeros fatos do passado, muitos dêles ainda bem vivos na memória de milhões de sêres humanos — quiçá a maior parte dêles tenha até uma experiência pessoal disto — todos ilustrando a ineficácia dos planos feitos para o desarmamento dos espíritos.

Já se experimentou muito e de tudo que se conhece, mas nada até aqui deu certo. Os tratados evidenciaram-se inúteis e o concêrto de nações nada mais tem sido do que uma desafinada orquestra que não se entrosa mas insiste em continuar tocando. Quanto a formas de govêrno, as nações oferecem hoje o mais completo mostruário que já se teve de uma só vez. E na maioria dos casos reina insatisfação e anseio de coisa melhor. A própria ideologia comunista que se apresenta como a última palavra em conquista política e social, tem sido a causadora do mal-estar reinante e é tida como um terror pelas democracias. E tôdas essas formas de govêrno se julgam boas e as melhores para o mundo. Mas qual delas é realmente a melhor e que mais felizes têm feito a seus filhos? Em muitos casos às vêzes tem-se a impressão de que se vive em desespêro de causa e se busca uma saída que se supõe encontrar-se nesta ou naquela forma de govêrno. Daí por certo as experimentações e inovações, o que

pode ser encarado também como um desejo de acertar.

Vez por outra os jornais noticiam a derrubada de governos por revoluções ou de gabinetes por injunções políticas; ou de golpes que alteram regimes ou apenas mudam aspectos constitucionais. Um comentarista carioca escreveu há tempos que "não há forma de govêrno que sirva para nações polìticamente desmoralizadas".

Dêste modo, se não há entrosamento local, será mais difícil consegui-lo no conjunto; pois, peças heterogêneas nunca poderão formar um todo homogêneo. Pode-se, pois, afirmar que polìticamente o mundo não se unirá, por ineficácia para consegui-lo. As provas são sobejas e os exemplos se repetem.

Recorrer-se-á às Fôrças do Espírito?

Convencidos disto, muitos olham então para as fôrças do espírito como capazes de vencerem onde a política tem falhado.

Faz alguns anos o professor inglês Arnold J. Toynbee apresentou, pelo *New York Times Magazine,* uma curiosa fórmula para salvar o mundo, tecendo considerações sôbre o que se devia fazer para melhorar a política, a economia e a religião, e acrescentou: "Das três tarefas, é a religião, naturalmente, a mais importante".

No memorável dia da assinatura da rendição do Japão, em cerimônia tocante a bordo do couraçado "Missouri", o general Douglas Mac Arthur disse em tom solene, a certa altura do seu discurso: "As alianças militares e o equilíbrio do poder, a Liga das Nações, tudo isso foi um fracasso. . . . Temos a última oportunidade. Se não descobrirmos agora um sistema melhor e mais justo, o Armagedom virá logo. . . . E isso tem de ser feito no terreno espiritual, se quisermos salvar a humanidade".

Em nossa Câmara Federal, um dos tribunos mais

idosos e experimentados disse: "Os problemas do homem são problemas do espírito".

Podíamos arrolar aqui outras citações análogas, mas cremos que estas sejam suficientes para demonstrar a conclusão a que muitos estão chegando, em face da inoperância política no setor pacifista internacional. E se vozes tão categorizadas se pronunciaram sugerindo que se apele às fôrças do espírito, é porque outros esforços chegaram à exaustão e não podem prosseguir com êxito; reconhecendo-se que só a fôrça espiritual poderá operar um milagre, congraçando a família humana.

Não deixa de ser razoável esta inclinação para o lado espiritual, visto não sermos só "barro" e se o fôssemos nada representaríamos. Temos em nós o fôlego divino da vida e fomos dotados de conhecimento e vontade. Criados à imagem de Deus, possuímos elementos que a Êle nos ligam e atraem. Por formação não somos repulsivos aos reclamos espirituais e para tanto se abriga em cada ser humano uma centelha do amor divino, fator êste tão evidente em manifestações muitas da vida, tanto do ser civilizado como até mesmo em selvagens. Latente pelo menos ela está, e se não se exterioriza de modo mais notório é por falta de percepções ou por imposições pessoais, que a fazem silenciar ou sufocar tal como acontece com a consciência muitas vêzes.

Que São Fôrças do Espírito?

Entendemos por fôrças do espírito o âmbito que as representa ou seja, o religioso, é claro. Não se pode pensar que sejam as intelectuais, mesmo porque estas nunca deixaram de estar atuantes e relacionadas com tôdas as demarches e planos que as nações fizeram, pois são fôrças vivas dos povos civilizados.

É a religião que está sendo olhada por alguns como o último recurso pró-paz. E quem sabe um belo dia

será feito um apêlo de âmbito mundial para que a religião assuma o comando e promova o contrôle dos ânimos e estabeleça o desejado equilíbrio, trazendo paz ao mundo! E quando fôr decidido fazer êsse chamamento, surgirá por certo a pergunta: que religião deve liderar?

Verificar-se-á então que o setor religioso vive um drama semelhante ao da política, pois também êle carece de união. Se as nações não se harmonizam devido às divergências políticas, as religiões sofrem do mesmo mal por divergências teológicas.

Não se poderia optar, em face disto, em adotar o critério da maioria, mesmo porque as nações em divergência representam distintos credos religiosos e, possìvelmente, haveria de provocar controvérsia indicar a maioria com base nas potências que mais se destacam por sua cultura e poder. O setor religioso talvez tenha mais suscetibilidades que as esferas políticas. Se alguém doente gritasse a um grupo de médicos: "Socorra-me o mais capaz", não seria logo atendido em face do espírito ético, que provocaria retraimento. Mas se o mesmo doente gritasse às religiões: "Socorra-me quem tem a verdade", por certo a casa se encheria logo de gente, pois a presunção promoveria a corrida de tôdas.

É um tema para os sociólogos o estudo da ineficácia religiosa em face dos desajustes humanos.

Com efeito, onde está o poder da religião para conter o poder do ódio? Onde está essa fôrça do espírito para a qual se pensa apelar? Está ela assistindo passivamente ao drama dos séculos — o do ódio — ou não tem eficácia nos tempos modernos, resumindo sua vigência apenas em manifestações exteriores de fé para manter o aspecto teórico?

Quando se pensa no ódio que alimentam certas raças não cristãs, logo nos ocorre uma explicação de ordem espiritual; mas que dizer quando os fatos se passam nos arraiais cristãos e, como é comum, até com pessoas que professam o mesmo credo religioso?

O cristianismo hoje oferece um vasto campo de observação. Chega-se à conclusão que a falta das disciplinas religiosas fêz o cristianismo perder o contrôle sôbre seus membros e deu a cada um a convicção de que a religião nada tem que ver com seus atos e não pode imiscuir-se em sua vida.

Possìvelmente o cristianismo em geral esteja colhendo os frutos de comportamento de séculos passados quando, após viver por séculos unido ao Estado, degladiou-se e perdeu a unidade. Em muitos aspectos o cristianismo moderno é um filho pródigo ainda ausente da casa do Pai. Assim distante não lhe pode sentir o afeto, o amor e ouvir-lhe a voz disciplinadora e orientadora. Tem o nome do Pai mas está divorciado do Pai: come de outras mesas e bebe de outras fontes. Eis razões bastantes para explicar porque vai êle perdendo cada dia mais certos aspectos marcantes e o poder transformador que possuía.

Não teremos nisto também uma explicação para a expansão do ódio e para muitos outros aspectos das relações humanas, notadamente no que se refere ao cristianismo? Se a religião não pode controlar os impulsos dos seus membros, por ausência das disciplinas religiosas ou por inoperantes, não se pode esperar que venha influir com o poder que seria de esperar-se junto às grandes potências, mesmo que isto lhe fôsse confiado.

Causa, Efeito, Solução

A ÚNICA solução para o extermínio do ódio é a prática do amor: amor a Deus e ao próximo. Amando a Deus reprimimos impulsos pelo senso de respeitoso temor (é o que nos leva a respeitar nossos pais e superiores hierárquicos); e, em amar ao próximo, cultivamos o senso da responsabilidade e o respeito para com a pessoa humana, fazendo-nos sentir que somos guardadores e devedores do nosso próximo. E êste duplo aspecto do amor (a Deus e ao próximo) é precisamente o que representam os dez mandamentos da Lei de Deus. Ora, sem o conhecimento dêsse precioso decálogo, do que êle diz e espera do cristão, não é possível esperar-se o exercício prático e fiel da virtude que representa. Desde Constantino I, quando a Lei de Deus sofreu mutilações e foi relegada a segundo plano, o conceito sôbre o pecado ficou subordinado a dogmas e interpretações a que o tempo se encarregou de dar elasticidade e facultou acomodações. Tanto que hoje é raro o cristão que seja capaz de dizer o teor desta lei e talvez nem mesmo saiba localizá-la na Bíblia para consulta. Êste desprêzo à Lei de Deus é o responsável pela decadência espiritual e tem seus efeitos refletidos nos variados aspectos da vida moderna. Como a lei de Deus é o expoente capaz de dar expressão ao amor e sendo êste o único remédio contra o ódio, é óbvio que ao decálogo divino foi atribuída por Deus uma posição de relêvo nos quadros da vida.

Nos governos, quando a lei deixa de governar o regime transfigura-se: o homem governa; disto resultam

disputas, perseguições, opressão e ditadura. O govêrno não é um indivíduo, mas a lei que êle deve representar; e a lei é o govêrno, pois mesmo que morra o homem o regime não desaparece. Do mesmo modo a religião não se mede por nome denominacional ou de chefe humano. A religião cristã é em princípio a executora da Lei de Deus e sua propugnadora. A religião existe para servir aos interêsses de Deus com vistas ao plano de salvação. Antes de existir uma denominação religiosa já existia a Lei de Deus, pois o decálogo foi dado por Deus desde o princípio para orientar a conduta dos homens entre si e perante o próprio Criador e dar sentido coerente à vida. A Lei de Deus é um magistrado mudo, mas Deus como Juiz fala por seu texto, expressando aos homens o Seu querer; e à religião cabe divulgá-lo por palavra e por exemplo.

O sacrifício de Cristo na cruz é o mais exuberante testemunho que se tem do valor da lei de Deus e da posição que deve ter nas ações que compreendem a vida. Êle morreu para dar satisfação à lei ofendida pelo pecado e propiciar aos faltosos a remissão por Seu sacrifício. A evidência disto devia fazer o pecador tremer e levá-lo a abrigar-se em Cristo em busca de misericórdia, perdão e proteção. Sem a graça de Cristo o pecador está perdido; com Cristo êle passa a respeitar a lei. Urge, pois, que se conheça esta lei tão sublime e se ponha em prática.

Na revolução francesa "uma humanidade ultrajada e ferida até ao desespêro pela opressão secular em nome da religião e do direito divino", ergueu-se para romper "desvairadamente com tôdas as restrições" e acometer contra Deus e a religião, decretando sua abolição. Como símbolo do que pretendiam — que afirmavam ser uma nova e brilhante era sem Deus e sem religião — escolheram uma mulher dissoluta e chamaram-na de "deusa da Razão". Conduzida para a Convenção Na-

cional de França e levada à tribuna, "tirou-se-lhe o véu com grande pompa, e foi colocada à direita do presidente, sendo por todos reconhecida como dansarina da ópera. . . . A essa pessoa, como mais apropriada representante da razão a que adoravam, a Convenção Nacional de França prestou homenagem pública".

Foi uma cena perversa à qual se seguiram outras repletas de blasfêmias e sacrilégios. É verdade que o sucedido foi uma colheita que a França fazia de messe de sangue que semeara em anos passados, durante perseguições religiosas.

Mas a lição está nos registos imparciais da História para ser aprendida. A política acerba e a religião intolerante, extravasando seus limites, propiciaram o caldo para a cultura da explosão das massas.

A religião sem base na lei de Deus foi a própria vítima dos longos anos de ostentação e desvirtuamento dos fundamentos da igreja primitiva. Faltou-lhe o amor a Deus e o legalismo representado pelo decálogo. Sem o temor de Deus e sem o conhecimento do evangelho a corrupção se foi alastrando até atingir ao caos e à anarquia.

Em muitos aspectos, países apresentam hoje um ambiente semelhante ao que precedeu a revolução francesa. Interêsses políticos suscitam reações violentas e a religião em sua maioria vive o seu mister formal, no exercício de rituais pomposos e adstrita a dogmas que não modelam caracteres novos.

Que fazer, então? Faça-se o que o mal indica e a prudência recomenda. Vamos ilustrá-lo:

Uma esquadrilha de combate levantara vôo para participar de manobras de guerra. Nas nuvens e já longe, um dos aparelhos comunica-se com o comandante avisando estar notando falhas no motor. "Volte imediatamente à base", foi a ordem recebida. E o avião manobrou retornando à base e dentro em pouco estava em terra, livre de perigos e riscos.

As religiões têm graves falhas em suas doutrinas. Fatos históricos e disputas levaram-nas para terrenos diferentes e se entrincheiraram na defesa de minúcias de puro âmbito denominacional. Urge retornar à base para um reajuste doutrinário e uma verificação nos escaninhos da fé.

Aos conversos da cidade de Éfeso que haviam aceito a fé cristã, o apóstolo São Paulo escreveu dizendo que deviam considerar-se "edificados sôbre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina". Sob êste mesmo prisma êle escreveu a outras congregações que organizara em suas andanças missionárias. E esta é a base a que se deve retornar.

Atrás do nome de cristão abriga-se o princípio e a honra do evangelho de Jesus Cristo; e a profissão de fé para ter influências sôbre a vida deve estar apoiada nos fundamentos religiosos expressos no trio: Apóstolos — Profetas — Jesus Cristo, a pedra principal.

Como sucedeu nos dias antecedentes à revolução francesa, quando a política e a religião foram envolvidas pelos acontecimentos, o panorama mundial se encaminha para eventos semelhantes. Oriente e Ocidente defrontam-se como defensores da paz e da liberdade, cada um a seu modo. A cegueira espiritual impede que o mundo hoje veja na história da França exemplos para o presente; pois a desgraça que sobreveio aos habitantes da França — e que ameaçam as nações hoje — foi oriunda da ignorância de que a legítima liberdade está subordinada às prescrições da lei de Deus. São Tiago chama-a de "lei perfeita da liberdade".

Do livro do profeta Isaías chega até nós êste comovente clamor divino: "Ah! se tivesses dado ouvidos aos Meus mandamentos! Então seria a tua paz como o

rio, e a tua justiça como as ondas do mar". Isaías, cap. 48, verso 18.

Deus fala por Sua lei reivindicando direitos que Lhe pertencem. Em atendê-Lo está o segrêdo para a paz de espírito e a concórdia da família humana. Êste é o rumo que as necessidades presentes e a prudência recomendam seguir. Voltar à base. Retornar aos fundamentos bíblicos. A quem o fizer é assegurado que "habitará seguramente, e estará descansado do temor do mal". Provérbios, cap. 1, verso 33.

Luz Que Não Se Apaga

NO hotel em que me hospedei em Nova York, achei curioso que no fim dos corredores de cada andar havia sempre uma luz vermelha acesa. Dia e noite, por semanas, meses e anos, disseram-me, ela sempre está acesa. É uma luz que se não deve apagar. Sua função no fim dos corredores é conservar sempre viva a rubra côr que a caracteriza, como símbolo de advertência e guia. E com que objetivo? Para indicar que ali está a saída para o exterior em caso de incêndio, através de uma escada de emergência.

Sempre que ficava à espera do elevador, não deixava de dar uma olhadela lá para o fundo do corredor, como que a saudar, agradecido, o vigilante silencioso lá postado. Observei que em geral não se dava maior atenção àquela humilde luz vermelha. Também para quê? Ela não estava fazendo falta no momento e, por isso, sem uso imediato, não era sentida como necessária. Mas eu sempre a olhava, como tributo à sua definida posição a serviço do bem público e, especialmente, para fixar o pensamento que me proporcionou e relacioná-la com uma outra luz, ainda mais grandiosa em seu mister. Uma luz cujo rasto luminoso faz aparecer em côres nítidas o nosso tempo. Falemos dessa luz.

Que o mundo está em crise, é inegável; há um patente estado de alarme e uma inquietante espera provocada pela intuição de que vai desencadear-se uma série de acontecimentos, dos quais não se tem idéia precisa mas que se supõe serão de proporções grandiosas.

É isto pessimismo? Pode ser, mas denominemo-lo realístico; porque o adágio popular já nos há ensinado que não se pode tapar o Sol com uma peneira. O otimismo é necessário e faz bem à vida, mas êle não pode suplantar a eloqüência dos números que somam realidades. Aliás, sentir e argumentar sôbre evidencias que denotam o lado mau do que há de vir, não é pessimismo, mas um sôpro certo que se dá na trombeta, para desviar a atenção e o melhor dos esforços do lado ilusório da vida para uma faceta mais realística e que fornece elementos para reflexão.

É soada, pois, a hora de lembrar-nos de algo que nos oriente no caminho a seguir na corrida que será provocada pela crise que se aproxima. É hora de pensar numa luz que alumie a senda do futuro e nos oriente sôbre os perigos e indique o refúgio seguro. É chegado o momento em que se deve deixar brilhar essa luz para a qual até então não se deu muito valor ou se lhe ignoraram as virtudes.

Paradoxalmente, êste "século de luzes" deixou-se envolver por espêsso manto de apreensivas trevas.

Um dos profetas hebreus — Isaías — traçou um quadro alegórico do mundo, nestas palavras: "Porque eis que as trevas cobriram a Terra, e a escuridão os povos". Tanto Isaías como outros profetas hebreus deram impressionante esbôço da história do mundo, em seu aspecto político, social e religioso. O mesmo fêz o próprio Senhor Jesus em vários sermões durante o Seu ministério. E é precisamente a êsse conjunto profético que São Pedro chamou de uma "luz que alumia em lugar escuro", acrescentando que a ela se devia estar atento.

É a essa luz que nos referimos acima como tendo chegado a hora de fazer sentir a influência de seus raios. É uma luz que nunca se apagou porque é uma luz profética que avança para o futuro e a seu tempo brilha

com todo o seu esplendor. Ela atravessou séculos e chegou agora até nós e se reflete por meio daquilo que se está cumprindo ao nosso redor.

Em capítulos anteriores temos citado alguns detalhes de curiosas e impressionantes profecias e do seu integral cumprimento em muitos eventos históricos. Mas há uma outra muito expressiva que merece destaque, em face da íntima relação que tem com Ciro, o conquistador persa. Relatou-a o profeta Isaías, no capítulo quarenta e cinco do seu livro, cêrca de cento e setenta anos antes de Ciro nascer, o que equivale dizer que nem o próprio pai de Ciro havia então nascido. Nesse capítulo o profeta hebreu descreve a conquista de Babilônia por Ciro, citando-o nominalmente, e dando pormenores da tomada do reino babilônico. Tão estupenda é esta profecia que quando a mostraram a Ciro, após a conquista de Babilônia, êle comoveu-se; resultando daí por certo as simpatias que depois demonstrou para com os hebreus, conservando a Daniel como seu ministro e abrindo mais tarde o caminho para que o povo de Israel retornasse a Jerusalém.

Outros fatos da história comprovam igualmente que as predições dos profetas hebreus tiveram íntima relação com a queda ou o desaparecimento de muitos povos e impérios, assim como também com a destruição de importantes cidades do mundo antigo.

Raciocine-se, pois, e chegar-se-á à conclusão de que tal documentário apela à nossa inteligência, requerendo que se dê um crédito de confiança às profecias bíblicas. Elas têm a chancela divina e o testemunho do tempo e da história. O que se necessita é pôr de parte qualquer preconceito ou prevenção e não cometer o grave êrro de privar-se voluntàriamente de conhecimento que faz bem ter e que se evidenciará, mais tarde, como de suma valia. Permita-se, pois, que essa luz que nunca se apaga — a luz profética — que emana das

páginas das Sagradas Escrituras, nos mostre o futuro que nos aguarda.

Paz ou Guerra?

Podemos destacar três referências especiais das profecias bíblicas, que datam de mais de seiscentos anos antes da era cristã, que equivalem a um retrato em côres naturais do que se passa nas altas esferas da política internacional. São as seguintes:

a) Foi profetizado que haveria conversações de paz; que seriam manifestos propósitos de redução armamentista e desejos de renunciar à guerra. (Isaías, cap. 2, versos 3 e 4.)

b) Foram profetizados intensos preparativos bélicos e um permanente espírito de luta e poderio. (Joel, cap. 3, versos 9 e 10.)

c) Foi predito que quando fôsse alardeado um ambiente de paz e segurança, que isto seria indício de guerra iminente. (Primeira carta de São Paulo aos Tessalonicenses, cap. 5, verso 3.)

É impressionante a exatidão com que essas profecias bíblicas se justapõem aos fatos que presenciamos no mundo hoje! Ressalta logo a evidência de que a paz e harmonia entre as nações não serão alcançadas, a despeito dos esforços que sejam empregados para consegui-lo.

O Dr. Karl Lazare Zamenhoff pensava (em 1887) que um único idioma seria de grande vantagem para o intercâmbio entre as nações, irmanando-as tão profundamente que viriam a considerar-se uma única família universal, banindo de vez as guerras. Disto resultou surgir o Esperanto, língua que conta com milha-

res de adeptos mas que não alcançou os objetivos de congraçamento da raça humana.

Estímulos pró-paz não têm faltado, inclusive o famoso prêmio Nobel, bem como idéias e fórmulas. Não depende disto a falta de objetividade. Há algo que impede de consegui-lo e que está além dos esforços puramente humanos.

Dêste modo, podemos deduzir que o anseio de paz deixou de ser um desejo humano, um fenômeno apenas social, para caracterizar-se como um sinal dos tempos. Igualmente os preparativos para a guerra fixaram-se para definir esta fase histórica e paradoxal do mundo dos nossos dias. Pode-se dizer, pois, que os esforços pró-paz e os prenúncios de guerra são modernos irmãos xifópagos — aberração do século das luzes — que marcham lado a lado até que venha o bisturi da intervenção de Deus e os separe para sempre, com a morte do pior dêles. Por ora, consoante as profecias citadas, permanecerão no panorama mundial como sinais de uma época singular; sinais de desajustes internos e externos entre os homens; sinais da fragilidade dos projetos humanos; sinais de que caminhamos para o vórtice da destruição. E isto para que se concretizem os planos do estabelecimento do reino de Deus.

Reformas de Base ou um Nôvo Mundo?

O mundo é um doente que não perdeu a esperança de cura. Por mais crítica que se apresente a situação em muitos aspectos, nutre-se a esperança de que as coisas se vão ajustar. Dizem que o que está faltando é apenas chegar-se a uma conclusão com respeito a detalhes. Visa-se, em outras palavras, uma reforma de base nas relações humanas para que se ajustem melhor

ao tempo presente. Planejam-se por assim dizer remendos novos e grandes no velho e desfigurado mapamúndi. Reformas de âmbito social, político, econômico, educacional, e quem sabe até em linhas fronteiriças.

Para tanto não faltam grandes idéias e grandes homens. Porém é possível que isto venha tarde demais ou já se tenha passado o tempo de executá-lo.

O cristianismo existe em razão não de uma idéia, mas em função de um propósito ou alvo a ser alcançado. A fé cristã tem por fim dirigir a mente do fiel para os eventos futuros e para a final concretização de suas esperanças básicas. E como ponto central e razão de ser para a fé cristã, está a pessoa de Jesus Cristo e o reino que prometeu estabelecer. Isto, aliás, é ponto pacífico no heterogêneo quadro das denominações cristãs. Ora, o cristianismo tem essa base como de cumprimento real e, por isso, espera um dia gozar das delícias de um reino real e eterno. Portanto, chegados que estamos ao tempo reconhecido como prenunciador do fim dos reinos terrenos, por que esperar que o mundo ainda seja *reformado* por métodos novos que o homem vai mais uma vez tentar pôr em prática?

Não estão profetizadas reformas de qualquer natureza no quadro das nações. Está profetizado sim que virá um mundo nôvo. Notem esta expressiva declaração do apóstolo São Pedro, definindo os sentimentos da igreja primitiva: "Mas nós, segundo a Sua promessa, aguardamos novos céus e nova Terra, em que habita a justiça". Segunda carta, capítulo 3, verso 7.

Não se tente prolongar a vida dêste velho mundo, alquebrado e doentio, com estimulantes que não produzem mais efeito. Êle vai ao seu fim, como dêle está escrito. Deus já lhe traçou o destino e na hora certa o executará. Terá que ser assim para que surja o reino de Cristo, quando tudo será feito nôvo. Não será aproveitado um tijolo ou uma árvore do velho mundo.

A luz que nunca se apaga — a profecia bíblica — projeta na tela do futuro um nôvo mundo surgido dos escombros do que agora existe. Merece que a respeitemos e acatemos, porque a única coisa certa em meio a tantas incertezas é aquela que foi revelada por Deus.